



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ
CAMPUS DE UNIÃO DA VITÓRIA
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO (LATO SENSU) DINÂMICAS REGIONAIS:
NATUREZA, SOCIEDADE E ENSINO

MARTA GRAZIELA ROSA

**HISTÓRIA DE VIDA E DE FORMAÇÃO ESCOLAR DE UM ALUNO COM
TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA) DOS ANOS INICIAIS DE UMA
ESCOLA MUNICIPAL DE UNIÃO DA VITÓRIA/PR: um estudo de caso**

UNIÃO DA VITÓRIA
2023

MARTA GRAZIELA ROSA

**HISTÓRIA DE VIDA E DE FORMAÇÃO ESCOLAR DE UM ALUNO COM
TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA) DOS ANOS INICIAIS DE UMA
ESCOLA MUNICIPAL DO SUL DO PARANÁ: um estudo de caso**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-graduação (Lato Sensu) em “Dinâmicas regionais: natureza, sociedade e ensino” vinculado ao Colegiado do curso de Geografia da Universidade Estadual do Paraná UNESPAR - Campus União da Vitória para obtenção do título de especialista.
Orientadora: Dr^a Victória Sabbado Menezes

UNIÃO DA VITÓRIA

2023

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Bibliotecas da UNESPAR e Núcleo de Tecnologia de Informação da UNESPAR, com Créditos para o ICMC/USP e dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Rosa, Marta Graziela

História de vida e de formação escolar de um aluno com Transtorno do Espectro Autista (TEA) dos anos iniciais de uma escola municipal do sul do Paraná: um estudo de caso / Marta Graziela Rosa. -- União da Vitória-PR, 2023.

80 f.: il.

Orientador: Victória Sabbado Menezes.
Especialização em Dinâmicas Regionais: natureza, sociedade e ensino - Universidade Estadual do Paraná, 2023.

1. Autismo. 2. História de vida. 3. Formação de professores. 4. Inclusão escolar. I - Menezes, Victória Sabbado (orient). II - Título.

MARTA GRAZIELA ROSA

**HISTÓRIA DE VIDA E DE FORMAÇÃO ESCOLAR DE UM ALUNO COM
TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA) DOS ANOS INICIAIS DE UMA
ESCOLA MUNICIPAL DO SUL DO PARANÁ: um estudo de caso**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Dinâmicas Regionais: natureza, sociedade e ensino apresentado à Universidade Estadual do Paraná - Campus de União da Vitória.

Data da aprovação: 13/10/2023

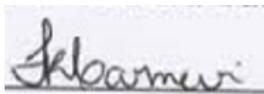
Banca examinadora:



Victória Sabbado Menezes (orientadora) - UNESPAR/UECE



Sandra Salette de Camargo Silva (Avaliadora) - UNESPAR



Fabiana Kitiane Carneiro – (Avaliadora) - SEMED/União da Vitória

Para colegas de profissão, que emergem no
saber da vida, que transformam vidas,
capacitam pessoas e transformam seres,
unindo um quebra-cabeça e aprendendo a
amar sem palavras, com um autista.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradecer a Deus pela efetiva vida e pela saúde para conseguir prosseguir na carreira de professora e me dando cada vez mais dom ao desenvolver o aprendizado em meus alunos.

A minha família, especificamente meu esposo Rafael que se dedicou a cuidar do meu bebê Bernardo para que eu conseguisse ir para as aulas de pós e meu filho Kauã, o mais velho, pelo apoio e ajuda em tudo.

A minha família, minha mãe, pai e sogra, que se encontra em outra cidade me apoiando mesmo de longe.

A minha amiga e comadre Fabiane Kitiane Carneiro e compadre Robson, por terem ficado alguns dias com meu bebê, para que eu pudesse ir nas aulas da Pós-Graduação, me apoiando em todos os momentos.

Aos meus queridos professores da Pós-graduação, que nos proporcionaram muitos conhecimentos durante todo o curso.

A querida professora orientadora Victória, que me apoiou em todos os momentos, corrigindo e me auxiliando em todos os momentos em que necessitei, sempre elogiando e incentivando a construir uma pesquisa bem elaborada e relevante a educação.

A razão dessa pesquisa, David e Grace Kelly, que me mostraram a cada passo como se deve viver e amar a todos, sem distinção. Principalmente a ele, o David, como ele mesmo fala "Pof Mata": Profº Marta, e o simples dizer dele: Eu te amo, que fazia seguir sempre em bons caminhos e acreditar que conseguimos superar sempre nossas dificuldades.

A professora e estagiária por ter aceito fazer parte desta pesquisa.

A professora Daia Gemelli, coordenadora do curso da Pós-graduação Dinâmicas Regionais, que sempre apoiou todos os colegas de turma, sem ela nada disso seria possível.

A minha "FAFIUV", atual UNESPAR, Universidade Estadual do Paraná, Campus de União da Vitória – PR, como sou filha da escola pública e defensora de uma escola gratuita e de qualidade para todos e todas.

Muito obrigada!

**“Vocês riem de mim por eu ser diferente,
E eu rio de vocês por serem todos iguais”**

(Bob Marley)

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo compreender as experiências de vida e de formação escolar de um aluno com TEA do 2º ano do Ensino Fundamental de uma escola municipal de um município do Sul do Paraná. Para orientar as práticas pedagógicas da professora autora. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, uma vez que é um estudo de caso que tem o enfoque na história de vida pessoal e de formação escolar deste aluno com TEA. Nesse sentido, adota a abordagem (auto)biográfica e o dispositivo da narrativa. Os procedimentos metodológicos envolvem revisão bibliográfica e pesquisa de campo. Referenciamos bibliografias sobre Autismo, Educação especial e formação de professores. Destacou-se um breve histórico da Educação Especial no Brasil e relacionou-se cronologicamente com o autismo, suas leis e percursos no país, bem como métodos utilizados em alunos com TEA. Na pesquisa de campo, utilizou-se da entrevista narrativa com a mãe do aluno com TEA, com a professora atual e com a estagiária da turma deste, além das narrativas da autora a partir de um diário de formação. Investigou-se a história de vida, a formação e a inclusão deste aluno em sala de aula regular, além dos desafios e potencialidades da atuação profissional das professoras e da estagiária no contato cotidiano com o aluno com TEA. Por fim, a análise dos resultados nos fez refletir e repensar que a prática pedagógica dos professores atuantes com crianças autistas é de total relevância, pois os casos de autismo vêm aumentando em números cada vez maiores nas escolas. Torna-se necessário professores comprometidos e com formação mais qualificada. Desse modo, compete a escola fornecer apoio e ações formativas e também se depende de suporte total dos órgãos públicos para que sejam, no mínimo, sanados esses problemas a fim de que torne um aprendizado significativo às crianças com deficiências, para que elas se sintam parte do meio na qual estão inseridas, seja no âmbito escolar ou na sociedade em geral.

Palavras-chave: Autismo; História de vida; Formação de Professores; Inclusão; Práticas pedagógicas.

ABSTRACT

The present research aims to understand the life and educational experiences of a student with ASD in the 2^o year of Elementary School of a municipal school in União da Vitória/PR and to guide the pedagogical practises of the author teacher. The investigation is focussed on the personal life history and educational background of the ASD student. This qualitative research is a case study with the narrative use and an auto biographical approach. The methodology involves field research, documentary research and literature review as such bibliographies on Autism, Special Education and Teacher Training. During the phase of documental research is highlighted a brief history of Special Education in Brazil and its relation to the autism, the laws and paths in the country, as well as the methods used in students with ASD. The phase of field research is based on the narrative interview with the student's mother, the current teacher and the intern, as well as the author's narratives from a training diary were also used. The investigation brought into focus the life history, training and inclusion of this student in the regular classroom as well as the challenges and potentialities of the professional performance of the teachers and interns in a daily contact with the student with ASD. Finally, the analysis of the results made us reflect and rethink that the pedagogical practice of teachers working with autistic children is of absolute relevance, even more reasoned due to increasing of cases of autism in schools. Hence it highlights the importance and need for committed teachers with more qualified training. Therefore, it is not only the role of the school to provide support and training actions, however it also depends on the full support of the public bodies so that these problems are at least remedied in order to make a meaningful learning for children with disabilities, thus they feel part of the environment in which they are inserted, whether in the school or in the society.

Keywords: Autism; Life history; Teacher training; Inclusion; Pedagogical practises.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Frente e verso do cartão do dia das mães.....	48
Figura 2 - Frente e verso do cartão do dia das mães.....	48
Figura 3 - Primeiros contatos com David antes da pandemia.....	54
Figura 4 - Turma do 2º ano de Ensino Fundamental no ano de 2022.....	54
Figura 5 - Figuras PECS (Picture Exchange Communication System- comunicação usando troca de fotos)	59
Figura 6 - Dinâmica da teia de aranha.....	62
Figura 7 - David Interagindo com os colegas na teia de aranha.....	63
Figura 8 - David devolvendo o barbante ao colega que escolheu.....	63
Figura 9 - David empenhado em colorir as flores.....	64
Figura 10 - David colocando as flores produzidas por ele no canteiro da escola.....	65
Figura 11 - Trabalho de campo com a turma.....	65
Figura 12 - Trabalho de campo com a turma.....	65
Figura 13 - A autora auxiliando o aluno em algumas atividades.....	66
Figura 14 - Momento de descontração na turma no aniversário da autora.....	67

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Alunos com deficiências regularmente matriculados na Educação Infantil do ano de 2023.....	39
Quadro 2 - Alunos com deficiências regularmente matriculados no Ensino Fundamental 1 do ano de 2023.....	39
Quadro 3 - Formação e atuação das participantes da pesquisa.....	53

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABA	Análise Comportamental Aplicada
AEE	Atendimento Educacional Especializado
BPC	Benefício da Prestação Continuada
CAA	Comunicação Aumentativa e Alternativa
CadÚnico	Cadastro Único
CID	Classificação Internacional de Doenças
Ciptea	Carteira de Identificação da Pessoa com TEA
CMEI	Centro Municipal de Educação Infantil
CNE/CEB	Conselho Nacional de Educação/ Câmara de Educação Básica
CRAS	Centro de Referência da Assistência Social
EaD	Educação à Distância
EJA	Educação de Jovens e Adultos
FAFIUV	Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de União da Vitória – PR
FUNDEB	Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação
INSS	Instituto Nacional de Seguro Social
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
LOAS	Lei Orgânica de Assistência Social
MEC	Ministério de Educação e Cultura
NAAH/S	Núcleo de atividades de Altas habilidades/Superdotação
ONU	Organização das Nações Unidas
PDE	Plano de Desenvolvimento da Escola
PECS	Picture Exchange Communication System
PIBID	Plano Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência
SERE	Sistema Estadual de Registro Escolar
SUS	Sistema Único de Saúde
TDAH	Transtorno de Déficit de Atenção com Imperatividade
TEA	Transtorno do Espectro Autista
TEACCH	Tratamento em Educação para Autista e Crianças com Deficiências Relacionadas à Comunicação

TGD	Transtorno Global do Desenvolvimento
TID	Transtorno Invasivo do Desenvolvimento
TID-SOE	Transtorno Invasivo do Desenvolvimento – Sem outra especificação
TOD	Transtorno Desafiador Opositor

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	14
2	PERCURSO METODOLÓGICO.....	20
3	EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSIVA E O AUTISMO.....	25
3.1	Breve histórico da educação especial no Brasil.....	26
3.2	Conhecendo o autismo.....	30
3.3	Dados da educação inclusiva em União da Vitória.....	38
4	NARRATIVA DE UMA MÃE COM FILHO TEA: DESAFIOS, CONVIVÊNCIA FAMILIAR E ESCOLAR - UMA REVISÃO SISTEMÁTICA SOBRE O AUSTIMO.....	42
5	NARRATIVAS DAS PROFESSORAS E AUTONARRATIVA DAS VIVÊNCIAS COM UM ALUNO AUTISTA.....	52
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	68
	REFERÊNCIAS.....	72
	APÊNDICES.....	75
	APÊNDICE A.....	76
	APÊNDICE B.....	77
	APÊNDICE C.....	78

1 INTRODUÇÃO

Minha história começa quando nasci de uma gestação surpresa, onde minha mãe relata que fui a “Raspa do tacho”, pois ela não esperava engravidar mais, afinal, ela já tinha dois meninos de idades diferentes, um de 12 e outro de 1 ano de idade. Por ser a filha mais nova, não tínhamos muito dinheiro, mas meus pais nunca deixaram faltar nada, desde educação até alimentação. Sou filha de um pai que era motorista de uma empresa de grande porte de maçã, na região de Fraiburgo – SC, local onde nasci e vivi minha infância até a vida adulta. Minha mãe era enfermeira no único hospital que tinha nesta cidade. Minha dedicação e descoberta de que queria ser professora foi quando minha mãe queria voltar a estudar para se tornar enfermeira neste hospital. Antes ela possuía apenas a “4ª série”, então me dediquei a ajudar minha mãe a ter o tão sonhado diploma.

Eu era aluna do 8º ano, assim ajudei em todas as etapas nas disciplinas realizadas na Educação de Jovens e Adultos (EJA), e depois na realização do técnico em Enfermagem. Neste momento me identifiquei em que queria ser professora, mas as dificuldades da vida e o difícil acesso a formação de professores foi deixado em segundo plano, pois conheci meu esposo, onde veio o casamento e depois a formação de família. Eu era muito trabalhadora nas empresas de maçã que tinham nesta cidade, mas um fato constrangedor e desagradável, que hoje caracterizaria um assédio, aconteceu dentro de uma empresa, fez com que meu pensamento fosse sendo idealizado. Através desse episódio decidi que iria atrás de meus sonhos, pensando agora no futuro e que eu iria seja onde for atrás de formações para ser uma ótima profissional na área da educação.

Aos poucos, essa vontade de ser professora e incentivos dos familiares foi crescendo. Realizei o curso de magistério nesta mesma cidade, mas queria mais. O sonho de ser professora, teria que realizar um curso de Pedagogia, que era de muito custo. Então, descobri que tinha uma universidade gratuita e bem-conceituada em formação de professores em uma cidade próxima, mas que era muito concorrida. Iniciou minha batalha de estudos para realizar o vestibular, que estava em uma concorrência de 36 candidatos por vaga no ano de 2009, e quando saiu o resultado me surpreendi, fiquei na posição 15º, passando a pensar na mudança de cidade. Então eu, meu esposo e meu filho, que na época tinha apenas seis anos de idade, alugamos uma casa e iniciamos uma vida sem os pais por perto na cidade de União

da Vitória – PR. Sou fruto de escola pública, realizei então o curso de Pedagogia, na Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras (FAFIUV), que agora é intitulada de Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR).

Durante a graduação, realizei diversos estágios remunerados, onde crescia ainda mais a vontade de ser professora. Dentre eles, estágio na área de secretaria escolar, bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) nos anos de 2010 a 2012, auxiliar de sala financiado pela prefeitura (2010 a 2012), na qual realiza os dois ao mesmo tempo e após assumi sala de aula em formato de Processo Seletivo Simplificado (PSS). Realizei um concurso para a cidade, que fui aprovada, assumindo cargo efetivo no ano de 2016 e comecei a atuar como professora. Passou-se oito anos atuando nesta área e a necessidade de ter mais formações me deixava ansiosa em realizar uma pós-graduação presencial, mas todas que conhecia eram pagas e na maioria EaD (Educação a Distância), na qual eu não conseguia uma concentração, sempre acabava desistindo e não concluindo.

Após esses episódios de desistências, comecei a pesquisar pós-graduações presenciais, quando me deparei com uma propaganda nas redes sociais sobre uma pós-graduação que iria iniciar no ano de 2022: o Curso de Pós-graduação (Lato Sensu) “Dinâmicas regionais: natureza, sociedade e ensino”, o qual está vinculado ao Colegiado do Curso de Geografia da Unespar - Campus de União da Vitória, com aulas presenciais e ao qual faço parte e desenvolvo essa pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso.

Já no início do curso, basicamente nas primeiras aulas, tivemos a disciplina de Metodologia, na qual os professores perguntavam qual seria nossa pesquisa para o TCC. Então, de início, eu pensava que nossa pesquisa teria que ser na área de Geografia. Ao longo das aulas foram explicando que o tema tem uma abrangência na Educação, de modo que o alívio veio de imediato. Aí eu precisava pensar o que iria pesquisar.

Na mesma época, no ano de 2022, eu assumi uma turma na escola na qual sou professora há sete anos. Essa turma tinha 28 alunos, destes 28 tinha 2 alunos com laudos, uma com autismo e outro com autismo e que fazia uso de traqueto, fora os atrasos de aprendizagem que tinha nesta turma. A partir disso, veio a ideia de realizar uma pesquisa de um dos autistas dessa turma, por conhecê-lo desde a Educação Infantil, que fui professora nesta mesma escola na turma que ele atuava. Foram poucos dias no ano de 2020, pois iniciou-se uma pandemia, as aulas

começaram a serem híbridas, e também planejei uma gestação, tive que me afastar desta turma devido a pandemia. Voltando então a atuar com essa turma no ano de 2022. Para iniciar esta pesquisa, necessitava da aceitação da família desse aluno, que em uma conversa informal a mãe de David aceitou e adorou a ideia de narrar sua vida e relatar a vida de seu filho autista.

Portanto, trata-se de uma pesquisa que tem como tema central a história de vida-formação de um aluno com Transtorno do Espectro Autista (TEA) dos anos iniciais de uma escola municipal de União da Vitória/PR. A ideia nasce a partir do cotidiano de meu trabalho docente, que possui um aluno com TEA, de modo que os desafios encontrados nas práticas pedagógicas diárias motivaram a realização deste estudo.

Este trabalho tem a justificativa de pesquisar sobre a vida e formação escolar de um aluno com TEA, inserido na escola em que atuo. Busquei abordar como foi descoberto e como foi avaliado o caso, como foi a reação da família, seus colegas e professores de turma.

A pesquisa tem uma relevância para a sociedade, pois “o autismo não é uma doença única, mas sim um distúrbio de desenvolvimento complexo, definido de um ponto de vista comportamental, com causas múltiplas e graus variados de comprometimento” (OMAIRI, 2013, p. 30). Neste sentido, toda sociedade precisa estar envolvida no processo de aceitação e adequação de alunos com TEA, pois nós, profissionais da educação, não podemos deixar que esses alunos sofram com preconceitos. Precisamos sim incluir esses alunos na sociedade, demonstrando que tentamos superar as dificuldades da melhor forma possível para que sejam vencidas.

Para isso, esta pesquisa apresenta um estudo de caso de um aluno com TEA, desde seu nascimento até dias atuais, para descobrir uma melhor forma de atuar com a assimilação e aceitação dos envolvidos, passando por um processo de desenvolvimento, pois crianças com TEA podem ser alfabetizadas com técnicas voltadas a esse processo. Desse modo, faz-se necessário o envolvimento de educadores, pais e demais profissionais que estejam comprometidos com a melhoria de vida e com as informações necessárias. O processo é lento e demanda muita paciência, pois cada aluno diagnosticado com TEA tem suas singularidades que influenciam neste processo.

Para profissionais da educação que lecionam para crianças com TEA, em fase de alfabetização, esta pesquisa poderá contribuir para a sua formação e

conhecimentos de como atuar e adotar algumas estratégias na alfabetização ou até mesmo no processo de quaisquer aprendizagens, pois eles aprendem muito com materiais concretos, imagens e demais rotinas diárias que visam seu aprendizado.

Inicialmente esta pesquisa abarcava somente as narrativas da mãe e a descrição dos meus diários de formação durante as aulas no ano de 2022 na turma em que o aluno com autismo fazia parte, mas este estudo teve uma abrangência significativa, que decidimos abrir um leque e também entrevistar a professora e a estagiária que atuam com o referido aluno neste ano de 2023.

Desta forma, buscou-se responder o seguinte problema da pesquisa: como a compreensão da história de vida e de formação escolar de um aluno com autismo dos anos iniciais de uma Escola Municipal de um município do Sul do Paraná pode orientar as práticas pedagógicas da professora e a formação docente comprometida com uma Educação Inclusiva?

Na resposta dessa pergunta e na ideia que queria descobrir mais sobre autismo na escola e na minha formação, descobri essa orientadora maravilhosa que na qual teve muita importância em meus estudos e minha formação, dando um suporte acadêmico adequado a conclusão desse curso: Professora Victória Sabbado Menezes¹ que marcou muito essa trajetória, conhecendo ela nas aulas da pós-graduação e posteriormente como orientadora desta pesquisa.

Deste modo, a fim de responder o problema de pesquisa e contemplar a justificativa deste trabalho, tem-se como objetivo geral compreender as experiências de vida e formação escolar de um aluno com TEA do 2º ano dos anos iniciais para orientar as práticas pedagógicas da professora autora. Destacam-se, assim, os objetivos específicos:

- Identificar os primeiros sintomas de autismo do aluno participante da pesquisa a partir da aproximação com a sua história de vida;
- Analisar as dificuldades enfrentadas pela família a partir do diagnóstico do TEA do aluno participante da pesquisa;
- Reconhecer os desafios do processo de ensino-aprendizagem enfrentados em sala de aula pelo aluno autista e por suas professoras e estagiária da escola.

¹Mestra (2016) e Doutora (2021) em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Por meio desta pesquisa, ressalta-se a importância de ser ter uma formação adequada para atuar em sala de aula que nos dias de hoje revela muitas crianças com dificuldades, transtornos e demais deficiências. Decidi revelar nessa Introdução e ao longo da minha narrativa que será apresentada a partir do diário de formação um pouco da minha trajetória acadêmica e profissional a fim de auxiliar e inspirar professores nas suas formações e salientar que precisamos nos manter atualizados às demandas do universo escolar. E destaco ainda a importância de se ter um laudo, ou seja, jamais rotular uma criança, e sim garantir que esse aluno (a) tenha todos seus direitos garantidos e que seja incluído como sujeito de direito da educação especial.

Contudo, decidi que não irei mais parar de estudar e pesquisar sobre os descritores que já fazem parte da minha vida: Autismo, Atendimento Educacional Especializado e Formação de professores, que na qual continuarei as pesquisas mais relacionadas nesta área no Curso de Mestrado de Educação Inclusiva - Profei, cujo sonho se aproxima cada vez mais, fazendo um enlace com a prática e a teoria.

Esta pesquisa está organizada em sessões. Na presente sessão apresento a Introdução, descrevo um breve histórico de minha vida, esclareço a escolha pelo tema, o problema de pesquisa, os objetivos e a justificativa. Na segunda sessão, “Percurso metodológico”, esclarece as etapas da pesquisa e os procedimentos metodológicos adotados para a sua realização. Na terceira sessão, “Educação Especial e Inclusiva e o Autismo”, está dividido em subcapítulos: “Breve histórico da Educação Especial no Brasil”, onde discorre um relato sobre a Educação Especial, com uma cronologia das datas em que esta teve sua importância e um desenvolvimento gradual, porque não se pode fazer um apanhado somente do autismo sem passar pelo histórico da Educação Especial. O sub-seção “Conhecendo autismo”, descrevo um conhecimento mais aprofundado acerca das características e definição do TEA, assim como as legislações específicas. O sub-seção “Dados da Educação Inclusiva em União da Vitória”, apresenta um panorama da situação do número de alunos com deficiências na rede pública de ensino da Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental do município de União da Vitória.

A quarta sessão, “Narrativa de uma mãe com filho TEA: desafios, convivência familiar e escolar - uma revisão sistemática sobre o autismo”, realiza-se uma análise aprofundada da narrativa da mãe do aluno com o intuito de conhecer a história de vida do mesmo. A quinta sessão: “Narrativas das professoras e auto narrativa das vivências com um aluno autista”, analisa as narrativas da professora atual e estagiária

do aluno e reflete sobre a minha narrativa registrada em meu diário de formação. Para encerrar a pesquisa, apresenta-se as Considerações finais com os principais resultados e reflexões realizadas ao longo desse estudo e, por fim, são expostos as referências bibliográficas e os apêndices.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

Este trabalho trata-se de uma pesquisa com abordagem qualitativa, pois não visa levantamentos estatísticos ou o uso de métodos quantitativos. Foi realizada a partir do ano de 2022 finalizando em 2023. Esta pesquisa é um estudo de caso que tem o enfoque na história de vida pessoal e de formação escolar de um aluno com TEA. Nesse sentido, adota a abordagem (auto) biográfica e o dispositivo da narrativa. Segundo Delory-Momberger (2011, p. 335):

As estruturas e formas de narrativa que os indivíduos utilizam para biografar sua vida não lhes pertencem de fato, eles não podem decidir sozinhos, são formas coletivas que refletem e condicionam, ao mesmo tempo, as relações que os indivíduos mantêm com a coletividade e com eles mesmos, em determinada época e no seio de uma cultura.

Podemos relacionar que esta pesquisa pensa diretamente na vida pessoal de um aluno através dos relatos de uma mãe, com seus depoimentos descritos ao longo desse árduo e gratificante trabalho cuidando com o que pesquisamos e valorizando sua cultura e seus anseios.

Busca-se compreender as experiências de vida e formação escolar de um aluno com TEA do 2º ano dos anos iniciais do Ensino Fundamental para orientar as práticas pedagógicas da professora autora. Desse modo, a pesquisa tem um carácter subjetivo. De acordo com Yin (2016, p. 105), “a pesquisa qualitativa geralmente foca no *significado* dos eventos da vida real, não apenas na ocorrência dos eventos”.

A escolha do aluno em questão a ser pesquisado na sua trajetória escolar foi porque atuei em uma turma relativamente grande com diversos problemas de aprendizagem. Dentre esses, duas crianças com laudos, sendo um aluno com laudo de autismo e faz uso de traquiro, e o aluno na qual realizei minha pesquisa, que também é laudado por TEA. Esta pesquisa diz respeito a prática pedagógica, na qual obtive como experiência de pela primeira vez atuar com um aluno com Autismo, experiência muito significativa para a minha formação profissional. Isso evidencia que devemos sempre buscar formações, pois nunca sabemos que turma nos espera no chão da escola. Desse modo, a pesquisa é estudo de caso deste aluno com TEA. Conforme Gil (2008, p.76):

O estudo de caso é caracterizado pelo estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objetos, de maneira a permitir o seu conhecimento amplo e detalhado, tarefa praticamente impossível mediante os outros tipos de delineamentos considerados.

As participantes da pesquisa abrangem a mãe do aluno com TEA, a professora e a estagiária da turma deste aluno neste ano letivo de 2023, além da minha participação como pesquisadora, mas também participante por meio dos meus relatos narrativos com a experiência docente que tive com este aluno em 2022. Ao realizar o convite para as participantes, percebi que as mesmas aceitaram de primeira e demonstraram estar bem empolgadas com a pesquisa.

Primeiramente, realizei uma conversa informal com a mãe do aluno David, na qual gostou muito da pesquisa com o seu filho, aceitando e cooperando em todas as informações relacionadas a vida e formação dele desde seu nascimento. Após também foi realizada o termo de aceite com as demais participantes que têm contatos escolares direto com o aluno David, que são: a professora Veredian e a estagiária Day, na qual aceitaram também.

Os procedimentos metodológicos incluem revisão bibliográfica, observação participante e entrevista narrativa. Para a revisão de literatura, foram utilizados livros, capítulos de livros, além da biblioteca virtual Scientific Electronic Library Online (SciELO), com descritores: Inclusão; Autismo; Criança; Educadores; Aprendizagem; Interação. A observação participante refere-se ao envolvimento da pesquisadora como professora do aluno autista em 2022, de maneira que houve uma observação diária, por meio de minhas práticas pedagógicas, do comportamento do aluno e dos desafios enfrentados pelo mesmo no processo de ensino-aprendizagem. Esta observação foi realizada ao longo do ano de 2022 e registrada em um diário de formação.

Contudo, a forma de observação participante tem vantagens e desvantagens. Uma grande vantagem é que como pesquisadora e participante ativa da vida escolar do aluno, possui liberdade para falar sobre seu caso e com autonomia sobre seu aprendizado. Por outro lado, a desvantagem refere-se especialmente a algumas restrições que possam surgir durante à pesquisa, onde como professora não podendo intervir na vida do aluno e da família. A observação participante desta pesquisa vem ao encontro da afirmação de Gil (2008, p.122):

A observação participante, ou observação ativa, consiste na participação real do conhecimento na vida da comunidade, do grupo ou de uma situação determinada. Neste caso, o observador assume, pelo menos até certo ponto, o papel de um membro do grupo. Daí por que se pode definir observação participante como a técnica pela qual se chega ao conhecimento da vida de um grupo a partir do interior dele mesmo.

O estudo de caso é com o aluno sob qual manteremos o anonimato e foi dado o nome fictício de David para esta pesquisa, de uma Escola Municipal do Sul do Paraná, do segundo ano do Ensino Fundamental 1, no ano de 2022. Fui professora do mesmo, mas já atuei com esse aluno na Educação Infantil em 2019. Quando iniciou a pandemia, tive pouco contato com ele, após tive a oportunidade de tê-lo em minha sala de aula. Esse aluno é muito carismático e querido com todos, gosta de ajudar e demonstra muito interesse ao que lhe é apresentado em relação às atividades desenvolvidas, com alguns empecilhos que serão demonstrados ao longo desta pesquisa. Como toda criança com TEA, tem episódios em que esse aluno necessita de mais atenção e também carinho, mas na maioria das vezes ele realiza tudo com uma certa autonomia.

Foi empregado o dispositivo da entrevista narrativa com as participantes da pesquisa. A entrevista com a mãe do aluno buscou investigar as experiências de vida e formação escolar do mesmo com o intuito identificar quais foram os primeiros sintomas de autismo percebidos pela família e quais as dificuldades que enfrentam a partir do diagnóstico do TEA. A partir disso, realizei uma abordagem e observação de possíveis cruzamentos com os relatos da professora em sala de aula, no caso autora desta pesquisa e os relatos da professora e estagiária atuais de David.

Cabe esclarecer que a entrevista narrativa está relacionada a uma forma de entrevista não estruturada. Esta técnica é uma forma de que o entrevistado tenha autonomia para responder as perguntas, pode ser contando histórias, onde o entrevistador consiga alcançar seus objetivos através dela, com uma linguagem espontânea e clara. Conforme Jovchelovitch e Bauer (2008, p. 95):

O esquema de narração substitui o esquema pergunta-resposta que define a maioria das situações de entrevista. O pressuposto subjacente é que a perspectiva do entrevistado se revela melhor nas histórias onde o informante está usando sua própria linguagem espontânea na narração dos acontecimentos.

O pensamento de Delory-Momberger (2011) dá uma continuidade a essa ideia de Jovchelovitch e Bauer que relata sobre o objetivo final, demonstrando se foi atingido ou não. A primeira autora é do campo da pesquisa (auto)biográfica e considera que a narrativa pode revelar experiências vividas que, ao serem narradas na entrevista, contribuem na autoformação. Isto se aplica à minha narrativa como professora de David.

A dinâmica da narrativa encadeia, entre uma situação inicial de inocência e inexperiência e uma situação terminal de maturidade e de domínio, os

acontecimentos segundo o objetivo final a ser atingido: é a partir da finalidade, do objetivo, tal como foi atingido (ou não), que se articulam as relações de causa e efeito e que o movimento de aprendizagem adquire sua orientação e sua significação. (DELORY-MOMBERGER, 2011, p.338).

Ao apresentar a minha narrativa do meu diário de formação revelo as minhas vivências com o David na condição de professora, expondo minhas dificuldades, dúvidas e conquistas. Ao narrar, penso sobre a minha prática docente e relaciono com as narrativas da mãe, da professora e da estagiária. Ao cruzar as narrativas é possível refletir sobre a minha docência e rever a minha atuação profissional.

Sobre o olhar pedagógico, essa pesquisa também foi realizada com a atual professora e com a estagiária de David, que descreveram como está sendo trabalhar com o mesmo no ano de 2023, e assim descrever os anseios em relação a falta de formação adequada para atuar com alunos com transtornos e com deficiência. Assim, todas as narrativas (minha, da mãe, da professora e da estagiária) trazem elementos que permitem compreender a trajetória de vida pessoal e escolar do aluno David, ao mesmo tempo que expõem a história de cada participante da pesquisa na relação com este aluno. Logo, são histórias de vida reveladas em narrativas que se cruzam a partir do contato com um sujeito em comum: o aluno David. Nesse sentido, Delory-Momberger (2011, p. 343) esclarece que:

Toda aprendizagem – seja gestual, cognitiva, processual, etc. – insere-se numa trajetória individual em que acha sua forma e sentido em relação a um conjunto de saberes e competências articuladas numa biografia; todo percurso existencial é um percurso de formação, porque organiza, temporária e estruturalmente, as aquisições e os aprendizados sucessivos dentro de uma “história”, de uma biografia de formação.

As entrevistas foram realizadas no mês de maio de 2023, com durações de até 5 minutos. Os roteiros com as questões orientadoras das entrevistas estão nos Apêndices. Todas as entrevistas foram bem tranquilas e apesar de ser realizada na escola, houve uma boa gravação, em formato de áudio, após a assinatura do termo de consentimento. As entrevistas narrativas foram transcritas e a análise foi organizada por ordem e assunto, relacionando as narrativas da mãe, das professoras, estagiária e autores citados nesta pesquisa. No que diz respeito ao caminho metodológico, destaca-se que:

O processo começa com o que denominamos fase exploratória da pesquisa, tempo dedicado a interrogarmos preliminarmente sobre o objeto, os pressupostos, as teorias pertinentes, a metodologia apropriada e as questões operacionais para levar a cabo o trabalho de campo. Seu foco fundamental é a construção do projeto de investigação. Em seguida, estabelece-se o trabalho de campo que consiste no recorte empírico da construção teórica elaborada no momento. Essa etapa combina entrevistas, observações, levantamentos de

material documental, bibliográfico, instrucional etc. Ela realiza um momento relacional e prático de fundamental importância exploratória, de confirmação ou refutação de hipóteses e construção de teorias (MINAYO, 2001, p. 27).

A organização das análises das entrevistas foi separada em capítulos. Desta forma, no capítulo 4 realizou-se a análise e interpretação da narrativa da mãe de David, onde esta descreve como ele é como filho, aluno e amigo. Este capítulo tem o enfoque na formação pessoal de David. No capítulo 5 abordou-se as entrevistas narrativas da professora e da estagiária entrelaçando com o meu diário de formação e experiências adquiridas na convivência com David no espaço escolar. Logo, este capítulo dedica-se a refletir sobre a formação escolar de David. A organização da análise das entrevistas não se deu de forma a apresentar cada narrativa isoladamente, mas sim a partir das questões orientadoras da entrevista para estabelecer as relações e/ou confrontos entre a minha narrativa e as da professora e da estagiária. Uma importante questão a ser destacada diz respeito ao fato que na análise das entrevistas narrativas e do diário de formação observou-se contrapontos entre nossas práticas pedagógicas e nossas experiências adquiridas nos remete a nossa formação e inclusão de forma efetiva.

Por fim, os resultados e conclusões da pesquisa foram construídos a partir da relação entre as considerações teóricas elaboradas por meio da revisão bibliográfica, a observação participante registrada no diário de formação e as entrevistas narrativas com a mãe do aluno, a professora e estagiária atual de David. Assim, realizou-se um entrelaçamento destas diferentes fontes para atingir os objetivos propostos na pesquisa.

3 EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSIVA E O AUTISMO

Atualmente vivemos em momentos cada vez mais intensos e de lutas pelos direitos de todos, pois ainda existe grupos que são excluídos e marginalizados pela sociedade. A denominação disso é a inclusão social, onde todos deveriam ter seus direitos garantidos. Nessa perspectiva, salienta-se que:

A inclusão deve vir de casa, da escola e da sociedade e deve ser realizada em todos os ambientes, o respeito deve ser mútuo, o desejo de aprender com o outro de forma genuína e respeitosa, seja você autista, neurotípico, branco, negro, heterossexual, religioso ou ateu, com alguma necessidade especial ou de plena saúde, todos nós temos o direito de estar em todos os lugares. (MAYER, 2020, p.128).

A problemática da inclusão social deve adentrar os mais diversos espaços, sendo a Educação e o ambiente escolar partes constituintes deste processo. Nesse sentido, Silva (2010, p. 7) destaca que “é fundamental a discussão acerca do tema da inclusão social, visando construir bases teóricas e práticas para a escolarização dos alunos com necessidades educacionais especiais na escola regular”. Por isso, a garantia e permanência e também o sucesso de alunos com necessidades educacionais especiais na sala de aula do ensino regular, faz-se necessário que o professor deva estar apto e com devida formação para explorar as potencialidades e os interesses destes estudantes.

Os professores devem sentir-se preparados para atuar com alunos inclusivos, tratar de forma genuína todos por igual sem segregação ou exclusão. Com a preocupação que o ensino seja gratificante tanto para o professor quanto para o educando, faz-se necessário uma parceria com a escola, na sua forma de reestruturação e renovação, os alunos, os pais, de maneira que toda comunidade deve estar envolvida ativamente no cotidiano desses alunos com deficiências. No que diz respeito à inclusão escolar, ressalta-se que:

A promessa de inclusão total está no tipo de comunidade escolar que se pode desenvolver quando os alunos com deficiências importantes revelam ter consciência das dimensões da vida escolar e proporcionam oportunidades, para todos que dela compartilham, de aprender maneiras mais gratificantes de estarem juntos. Evidentemente os alunos com deficiências importantes não são os únicos professores dessas lições a comunidade, tampouco os únicos beneficiários estão dispostos a aprender com eles. (STAINBACK & STAINBACK, 1999, p. 52).

Por isso, a escola deve ser totalmente inclusiva, desde a sua estrutura, adequada a todos os níveis de inclusão, seja no seu ambiente físico e acessível e

também com um ensino na qual deve oferecer recursos para que haja educação, seja na formação de professores ou até mesmo profissionais que atuem com as necessidades do educando incluso na sala de aula regular. Neste sentido, é fundamental que as políticas públicas sejam revistas e organizadas para que não fiquem somente no papel.

3.1 Breve histórico da educação especial no Brasil

Pensando no alicerce do desenvolvimento de pessoas com deficiências inicia-se um papel muito relevante através de seus direitos adquiridos ao longo dos tempos, pois esta inclusão com as crianças deficientes e a escola, está ligada a todos que se envolvem com a pessoa/criança com deficiência. Iniciamos então um breve apanhado sobre alguns acontecimentos no Brasil na questão de inclusão, seja no ambiente físico, escolar e de toda a sociedade envolvida.

No dia 17 de setembro de 1854 foi inaugurado o Imperial Instituto dos Meninos Cegos, criado pelo Imperador D. Pedro II (SILVA, 2010, p.23). Atualmente, é conhecido pelo Instituto Benjamin. Este instituto aumentou com o passar dos anos, devido a seu grande número de alunos. Os surdos também foram atendidos em 1857, pois foi criada o Imperial Instituto dos Surdos-Mudos. Este instituto foi fundado em 26 de setembro de 1857, pela lei nº 839, no Rio de Janeiro, aprovada por D. Pedro II.

A história da Educação Especial no Brasil iniciou-se na segunda metade do século XIX, mas muito antes disso as pessoas com deficiências eram abandonadas e negligenciadas. Silva (2010, p.4) relata que pessoas com deficiências eram atendidas em escolas anexadas em hospitais psiquiátricos e também em instituições especializadas, de modo que esse período de educação especial foi caracterizada pela segregação. Houve um aumento no número dessas instituições na década de 1960, as quais passaram a ser questionadas e assim iniciou-se discussões e lutas para que pessoas/crianças sejam atendidas em salas de aula comum das escolas regulares. Tal luta iniciou com um movimento de integração escolar. Foi um insucesso no início, pois o indivíduo teria que se adaptar ao ambiente na qual estava sendo inserido.

A preocupação em propiciar uma educação especial aos alunos portadores de deficiências² evidencia-se no Estado de São Paulo em 1917, com a criação da primeira “escola de anormais”, na Capital. Embora criada, pela Lei nº. 1.879, de 19/12/1917, a referida escola não chegou a ser instalada. Em 1933, sob inspiração do movimento renovador dos “Pioneiros da Educação Nova”, tratando a educação como um problema social e um direito individual a ser assegurado principalmente através da escola pública é instituído o código de educação do Estado de São Paulo. (MAZZOTTA, 1993, P.6).

Com o passar do tempo as instituições que atendiam crianças com deficiências mentais aumentou em números, segundo Silva (2010). Após 1920, as escolas começaram a receber crianças com deficiências e também foi marcado pela institucionalização, isso quer dizer que crianças com quaisquer deficiências foram sendo atendidas em escolas anexas aos hospitais e ao ensino regular. Após esse período podemos percorrer alguns dos pontos importantes da educação especial no Brasil:

1994 - Declaração de Salamanca: Delibera diversos princípios e práticas na Educação Especial, onde incluiu Políticas Públicas da Educação. A fim de combater a discriminação, elaborou princípios na qual os alunos sejam inclusos em salas de aula regulares. Os alunos com necessidades educativas especiais e também nos espaços sociais na forma de democratização. Na mesma época foi publicada a Política Nacional de Educação Especial, onde orienta-se um processo de integração nacional para que todos tenham acesso ao ensino regular, mas não condiciona a desenvolver atividades curriculares programadas do ensino regular, com a devida reformulação onde todos possam ser beneficiados.

1996 – A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, (LDB), Lei nº 9.394/96, no Artigo 59, assegura que os sistemas de ensino devem preconizar o currículo, métodos e recursos e organização específica para os alunos de acordo com suas deficiências e também assegura que alunos que não conseguem atingir o nível máximo para a conclusão do Ensino Fundamental, em virtude de suas deficiências, podem realizar a aceleração para a conclusão do ensino. Esta lei também prevê as redes de ensino o dever de disponibilizar atendimento igualitário entre todos os estudantes.

1999 - Decreto nº 3.298: Dispõe a Política Nacional para a Integração de pessoas com deficiências definindo que Educação Especial seja uma modalidade Transversal a todos os níveis e modalidades de ensino. Esse decreto faz-se a complementação da educação especial ao ensino regular.

²O termo portador de deficiência não é mais utilizado há alguns anos, inclusive está até em documentos oficiais, pois a palavra portadora significa portar algo e não se pode portar e sim ter alguma deficiência.

2000 - Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000: esta lei estabelece normas e critérios básicos para a promoção de acessibilidade das pessoas com deficiências e com mobilidades reduzidas.

2001 – A resolução CNE/CEB, Lei 4.024, de 20 de dezembro de 1961, com a redação dada pela Lei 9.131, de 25 de novembro de 1995, nos Capítulos I, II e III do Título V e nos Artigos 58 a 60 da Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e com fundamento no Parecer CNE/CEB 17/2001, homologado pelo Senhor Ministro de Estado da Educação em 15 de agosto de 2001, considera que: a matrícula a todos os alunos deve ser obrigatória nos sistemas de ensino, cabendo as escolas a organização ao atendimento das crianças com deficiências. Eliminando as barreiras que dão acesso a escolarização e também a uma educação de qualidade.

2002 – A Resolução CNE/CP nº 1/2002 estabelece que as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de professores da Educação Básica definem que as instituições de Ensino Superior devem prever na sua organização curricular uma formação voltada para a diversidade e que contemple a especificidades dos alunos deficientes. A Lei nº 10.436/02 reconhece a Língua Brasileira de Sinais como meio legal de comunicação e expressão devendo fazer parte do currículo em cursos de formação de professores.

2003 – Programa de Educação Inclusiva, implantado pelo MEC, com direito a diversidade, garantindo o acesso a todos à escolarização, a oferta do atendimento educacional especializado e garantindo acessibilidade, promovendo também a formação de professores para atuar na Educação Inclusiva.

2004 - Decreto nº 5296/04 regulamentou as leis nº 10.048/00 e o nº 10.098/00, estabelecendo normas e critérios para a promoção de acessibilidade às pessoas com deficiências ou com mobilidade reduzida, garantindo acesso universal aos espaços públicos.

2005 – NAAH/S (Núcleo de Atividades das Altas Habilidades/Superdotação) - a implantação dos NAAH/S em todos os estados e no Distrito Federal, com objetivo de um atendimento educacional especializado, com orientações às famílias, formações aos professores e constituindo um acesso a todos os alunos da rede pública.

2006 – Direitos Iguais a todos, na convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiências, foi aprovada pela ONU em 2006, onde todos devem ter acesso a um sistema de inclusão em todos os níveis de ensino.

2007 – PDE – decreto nº 6.094/2007, a implementação do PDE (Plano de Desenvolvimento da Educação) estabeleceu os diretrizes do compromisso todos pela educação, garantia de acesso e permanência no ensino regular, fortalecendo o ingresso nas escolas públicas. E também visa a formação de professores para a educação especial, implantação de salas de recursos multifuncionais e acessibilidade arquitetônica dos prédios escolares e acesso as pessoas com deficiências na educação superior.

2008 – Decreto 6.571: objetivo desse decreto é garantir recursos àqueles estudantes que efetivamente estejam matriculados em escolas públicas e recebendo atendimento educacional especializado, com a modificação das regras do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica (FUNDEB).

2015 – Lei nº 13.146, de julho de 2015, sobre o Art. 2º, considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas.

Foi promulgada em 2015 a Lei nº 13.146, conhecida como Lei Brasileira de Inclusão de Pessoa com Deficiência ou Estatuto da Pessoa com Deficiência. Ela recapitula a Lei de Apoio às Pessoas Portadoras de Deficiência de 1989, complementando-a. Contudo, a lei de 2015 é mais extensa e perpassa diversas áreas como a avaliação da deficiência, acessibilidade, atendimento prioritário, saúde, educação, moradia, trabalho, assistência e previdência social, direito a cultura, esporte, turismo e lazer, direito à transporte e mobilidade, entre outras. (PEDRA, 2023, p.53).

2020 - O decreto nº 10.502 de 30 de setembro de 2020, no uso da atribuição que lhe confere o art. 84, caput, inciso IV, da Constituição, e tendo em vista o disposto no art. 8º, da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, institui a Política Nacional de Educação Especial: Equitativa, Inclusiva e com Aprendizado ao Longo da Vida, ou seja que os alunos voltassem a ser atendidos em instituições próprias a esse fim, isso é uma afronta as escolas de classes comuns, segregando e excluindo mais alunos inclusos, mas foi revogada pelo decreto nº 11.3070 de janeiro de 2023.

2021 – Lei nº 14.126 de 22 de março de 2021, esta lei classifica a visão monocular como deficiência sensorial, do tipo visual.

Embora exista essas e outras leis da educação baseadas na inclusão, podemos analisar a importância das mesmas e que tais sejam cumpridas. É importante um olhar crítico, pois nem todos têm seus direitos garantidos perante as leis, ou nem se quer sabem que as mesmas existem. Nesta perspectiva da inclusão, por outro lado,

acreditamos que as políticas públicas deveriam ser revistas, principalmente quando falamos em inclusão escolar e apresentadas ao público alvo, as crianças com deficiências. Em um olhar mais crítico, pois nem todos os estabelecimentos, seja órgãos públicos ou privados têm acesso a essas leis e as demandas das pessoas necessitam que seja cada vez mais divulgada e estabelecida para que façam cumprir com as mesmas.

3.2. Conhecendo o autismo

Hoje em dia, vivemos em uma época que todos os ambientes devem estar adequados a inclusão, iniciando nas escolas, pois todos os indivíduos têm direito a viver em sociedade. A inclusão é muito mais que inserir, é mais do que um atendimento escolar, principalmente crianças diagnosticadas com Autismo. Como a própria palavra já diz, a inclusão precisa estar acompanhada de uma preparação tanto para o professor quanto a escola e também para demais envolvidos. Nesta sub-seção será focado o autismo no que diz respeito às suas definições, características e demandas para o atendimento às crianças autistas no espaço escolar, de modo a salientar o papel docente em uma sala de aula inclusiva.

O autismo é um transtorno que mais cresce em número nos últimos anos entre crianças, conhecido como TEA (Transtorno do Espectro Autista). Esse transtorno está ligado ao desenvolvimento cognitivo e social das crianças. Segundo Omaidri (2013, p. 26), “cerca de 80% dos casos, o autismo surge de forma isolada em crianças sem nenhuma outra doença associada, é chamado de idiopático e nos restantes dos casos, pode estar associado a outras doenças conhecidas”. Tendo um aumento real em números de casos, mas apresenta uma melhora nos métodos de triagem em um diagnóstico precoce.

Crianças com autismo são mais aceitas se precocemente tratadas, em alguns casos, pois ainda existem famílias que não aceitam ou não têm condições de tratá-las. Segundo Facion (2007, p. 19):

O autismo descrito por Kanner, que o nomeou inicialmente como distúrbio autístico do contato afetivo, foi concebido como um distúrbio primário semelhante ao descrito para a esquizofrenia. A diferença estava no fato de a criança com autismo não realizar um fechamento sobre si mesma, mas buscar estabelecer uma espécie de contato bastante particular e específico com o mundo.

O Autismo em sua história apresenta algumas evoluções descritas ao conceito até as diversas formas que o mesmo pode manifestar-se em diferentes indivíduos, chegando até mesmo ser confundido com outros transtornos. Através desta origem teórica, partiu-se para suas características e especificidades, que começa a ser descrito por diversos pesquisadores, pois este transtorno abre um leque de informações e adequações na Educação. O que se observa e muito mais importante é o auxílio e compreensão da família e profissionais, dando suporte a criança com tratamentos para que sua convivência seja mais adequada ao seu estilo de vida, amenizando seus efeitos para que sua vida tenha mais sentido.

Escrever sobre o autismo tem sido desafio para todos os profissionais envolvidos nas escolas como a presente pesquisadora, pois cada criança com diagnóstico de autismo tem um desenvolvimento diferente e uma forma distinta de se expor ou talvez não adquiriu essa habilidade ainda. Isso exige um professor e outros profissionais habilitados para atuar com crianças com esse transtorno.

A falta de conhecimento das pessoas sobre o que é Autismo ou TEA (Transtorno do Espectro Autista) faz com que acondicione pensamentos equivocados sobre esse transtorno. O Autismo não é uma doença, não é virose, nem mesmo doença que tenha cura, mas sim é um transtorno que pode ter seus efeitos desacelerados através de terapias com diversos profissionais atuando conjuntamente.

Dessa forma, partindo do princípio que o autismo não tenha causa comum, é considerado um Transtorno Global do Desenvolvimento (TGD), uma alteração considerada uma capacidade de comunicação e capacidade de socialização ausente. Faz parte dos grupos de síndromes classificado pelo CID-10 e o TID, conhecido como Transtorno Invasivo do Desenvolvimento.

A TID incluía: Transtorno Autista, Síndrome de Rett, Transtorno Desintegrativo da infância, Síndrome de Asperger, Transtorno Invasivo do Desenvolvimento sem outra especificação (TID-SOE). Nesse sentido, salienta-se que “pessoas que anteriormente tinham diagnóstico de Síndrome de Asperger ou Transtorno Invasivo do Desenvolvimento Sem Outra Especificação passam a ter o diagnóstico de TEA” (OMAIRI, 2013, p. 30).

Cada criança que apresenta autismo na sua fase infantil tem diversas singularidades e características, pois pode ir do severo ao leve ou por nível. Há crianças que identificamos com autismo nos seus primeiros anos de vida, já outras podemos considerar na escola através de estudos mais profundos.

Cerca de 70% das pessoas com transtorno autista apresenta um *RETARDO DO DESENVOLVIMENTO NEUROPSICOMOTOR* – do mais leve até o severo. Outros 20% podem apresentar uma inteligência dentro dos padrões de normalidade e uns 10% têm eventualmente uma inteligência acima da normalidade, definindo o que chamamos de *AUTISMO DE ALTO FUNCIONAMENTO*, no qual notamos uma outra forma da mente, estruturada em padrões diferentes dos normais característicos do ser humano. (FACION, 2007, p. 28).

Com a presença de alunos autistas na escola surgem muitos desafios e demandas na qual professores, auxiliares e todos os profissionais envolvidos devem estar preparados para atuar com os mesmos. Demanda muito empenho, estudo, dedicação e paciência, lembrando que cada criança tem seu ritmo, sua singularidade que influenciam neste processo. E isso torna muito importante na relação com a criança, pois sua personalidade e seus aspectos seja com deficiências ou não, é na alfabetização que ela poderá criar esse vínculo afetivo demonstrando assim seu desempenho acadêmico por toda sua vida. Por isso, a atenção a esses pequenos tem que ser especial e de forma adequada para que todos estejam e se sintam bem com esse processo.

Para compreender o processo de alfabetização de uma criança com TEA,

A aprendizagem de uma criança autista, é necessário observar e identificar as dificuldades e limitações que ela apresenta. Dessa forma fica mais fácil tratar metas e estratégias, criando um plano de aula adequado de acordo com as dificuldades da criança, para que consiga obter êxito em seu processo educacional. (OMAIRI, 2013, p.115)

Crianças autistas tendem a compreender o mundo de forma diferente, apresentam dificuldades em seguir algumas regras e também dificuldades de concentração em grupo. Por isso, o ensino individualizado é mais eficaz para/com esses alunos. Os mesmos se distraem facilmente, de modo que não apresentar a rotina da aula inicialmente pode fazer com que dispersem, acarretando no fracasso escolar e/ou sentimento de decepção do próprio aluno. O papel do professor é buscar formas individualizadas ou até mesmo materiais mais concretos, imagens, por meio de músicas ou até mesmo a forma de conquistas: “se você fizer, você ganha...”. Estas atividades devem ser claras e simples, pois eles, autistas, cansam facilmente e tendem a desistir de realizá-las, afetando de forma negativa o seu processo de aprendizado. Não deixar de lado esse aluno que necessita de mais atenção e apresentar atividades diferenciadas de como agir e atuar poderá favorecer a presença de um aluno envolvido na aprendizagem. Além disso, é muito importante que ao

finalizar a atividade, por parte dos educadores, demonstrar elogios a criança ou até mesmo recompensas.

Existe uma grande associação entre autismo e crianças que não obtêm uma atenção no início de sua infância para/com seus pais. A grande dificuldade de aceitação dos pais sobre um filho intitulado “diferente”, faz com que se inicia, quando possível, uma bateria de exames e testes para descobrir o que seu filho tem de “diferente”.

Quanto mais este aluno perceber que há o envolvimento da família e de diversos profissionais, maiores as chances de ter sucesso na aprendizagem. As ações conjuntas como escola, família, terapeutas e médicos são fundamentais para que esse aluno tenha um desempenho escolar excelente ou próximo do habitual a um aluno que possa suprir assim suas dificuldades. Contudo, em um país desigual e excludente como o Brasil, nem todos possuem as mesmas oportunidades para a garantia de seus direitos.

As crianças com TEA devem ter um cuidado especial, sendo assim, as políticas públicas devem fornecer todo aporte necessário aos pais dessas crianças e também fornecer informações para que tenham uma vida e um desenvolvimento mais adequado, conforme seu grau de autismo ou sua carência de necessidades básicas. Foram sancionadas leis para que a pessoa com autismo tenha mais direitos. A lei 13.977 foi sancionada em 8 janeiro de 2020, descrita como Lei Romeo Mion, onde foi criada diversos benefícios para crianças com diagnóstico de TEA, que é uma carteira de identificação das Pessoas com TEA, nomeada como Ciptea. Esta lei dá direito a diversos serviços públicos, onde com frequência pessoas com TEA não são identificadas, e também dá direito aos atendimentos prioritários e a serviços aos quais os autistas têm direito, como estacionamento a vagas prioritárias e demais benefícios, como na área da saúde, serviços públicos e privados com atendimento e prioridade a seus acessos, como também na educação e assistência social. Esta carteira é um documento emitido de forma gratuita por órgão estaduais e municipais.

No tocante às políticas públicas mais abrangentes, destaca-se que algumas legislações que regulam as questões específicas do cotidiano de crianças e pessoas com TEA. Para isso, seguimos com algumas das leis referentes em destaque ao autismo.

1993 - Lei 8.742/93: A Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS), que oferece o Benefício da Prestação Continuada (BPC). Para ter direito a um salário mínimo por

mês, o TEA deve ser permanente e a renda mensal per capita da família deve ser inferior a $\frac{1}{4}$ (um quarto) do salário mínimo. Para requerer o BPC, é necessário fazer a inscrição no Cadastro Único para Programas Sociais do Governo Federal (CadÚnico) e o agendamento da perícia no site do INSS.

1994 - Lei 8.899/94: Garante a gratuidade no transporte interestadual à pessoa autista que comprove renda de até dois salários mínimos. A solicitação é feita através do Centro de Referência de Assistência Social (CRAS).

2012- Lei nº 12.764, Art. 1º: Esta Lei institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista e estabelece diretrizes para sua consecução.

§ 1º Para os efeitos desta Lei, é considerada pessoa com Transtorno do Espectro Autista aquela portadora de síndrome clínica caracterizada na forma dos seguintes incisos:

I - Deficiência persistente e clinicamente significativa da comunicação e da interação sociais, manifestada por deficiência marcada de comunicação verbal e não verbal usada para interação social; ausência de reciprocidade social; falência em desenvolver e manter relações apropriadas ao seu nível de desenvolvimento;

II - Padrões restritivos e repetitivos de comportamentos, interesses e atividades, manifestados por comportamentos motores ou verbais estereotipados ou por comportamentos sensoriais incomuns; excessiva aderência a rotinas e padrões de comportamento ritualizados; interesses restritos e fixos.

§ 2º A pessoa com Transtorno do Espectro Autista é considerada pessoa com deficiência, para todos os efeitos legais. (BRASIL, 2012)

2016 - Lei 13.370/2016: Reduz a jornada de trabalho de servidores públicos com filhos autistas. A autorização retira a necessidade de compensação ou redução de vencimentos para os funcionários públicos federais que são pais de pessoas com TEA.

2020 – Lei 13977/2020: Denominada “Lei Romeo Mion”, altera a Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012 (Lei Berenice Piana), e a Lei nº 9.265, de 12 de fevereiro de 1996 (Lei da Gratuidade dos Atos de Cidadania), para criar a Carteira de Identificação da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista (Ciptea), de expedição gratuita, que dá direito à vários serviços públicos e privados já citados.

Pensando no ambiente escolar, o corpo docente deve também estar em constante formação, pois segundo Centro de Controle de Prevenção de Doenças dos Estados Unidos, 1 a cada 36 crianças são diagnosticadas com TEA (G1, 2023). Esse número fez com que a Organização das Nações Unidas considerasse uma questão de saúde pública mundial.

Não temos estimativas exclusivas do Brasil porque, aqui, o diagnóstico é feito com mais dificuldade. 'É algo precário. Temos poucos profissionais especializados, e descobrir que alguém tem autismo não é tão simples. Não existe um único exame que detecte isso', explica Patrícia Braga, professora associada da Universidade de São Paulo (USP) e pesquisadora da plataforma científica Pasteur USP. (G1, 2023)

Partindo desses dados há diferentes tipos de programas de Educação para o autismo, diferem assim de lugares e países. A trajetória pós-diagnóstico deste transtorno inicia-se uma luta pelos seus direitos, quando há um auxílio da família e condições para tanto.

Já na formação dos professores deve estar presente a preocupação com o processo escolar e de inclusão a esses alunos. Deste modo, a escola, família e demais profissionais devem caminhar na mesma linha a fim de que o processo de socialização, alfabetização e demais áreas de conhecimento sejam almeçados por eles, mesmo que seja uma tarefa difícil. Portanto, há muitas demandas que devem ser estabelecidas onde o foco central seja o desenvolvimento e aprendizagem desse aluno.

A gestação e o nascimento de uma criança muitas vezes são acompanhados pelos pais, na expectativa de um filho saudável. Exames são realizados, ultrassons, morfológicas e sempre estão preparados para que essa criança venha com muita saúde e cresça como um adulto independente. Nessa preparação nem sempre há espaços para transtornos e problemas.

Após o nascimento marca o contínuo processo de desenvolvimento dessa criança. Através da observação dos pais, familiares e no processo escolar, começa a percepção de sinais que talvez no seu filho são diferentes quando comparado a outras crianças, como desenvolvimento da fala avançado sem coerência ou ausente, desvios de olhar, movimentos repetitivos, andar sobre as pontas dos pés, brincadeiras de enfileirar objetos ou brincadeiras com rodas por um certo período de tempo, e até mesmo sem reações de sociabilidade. O diagnóstico de autismo causa grande impacto nas famílias, mas o diagnóstico precoce desse transtorno pode contribuir para um progresso no desenvolvimento significativo dessa criança se seguir as orientações necessárias ao seu acompanhamento, garantido por lei.

As características do Autismo estão descritas de acordo com cada indivíduo e seu diagnóstico clínico e suas triagens ou com os exames complementares que muitas vezes são necessários para definir tais comorbidades, ou até mesmo exames de

imagens, ressonâncias, ou um simples exame visual e auditivo, além de um exame completo. De acordo com Oliveira (2015, p. 07):

Por ser um transtorno, o autismo pode ser apresentado de diversas maneiras, variando o comportamento de indivíduo para indivíduo, como alerta a literatura, ou seja, não há uma única forma do mesmo apresentar-se, não há um único tipo de conjunto de comportamentos, o que pode ser encontrado em um autista, pode não ser em outro.

Através das manifestações clínicas podemos definir que as características variam de um ser para outro, pois a principal característica é comportamental, podendo ser percebida pelos pais ou responsáveis desde os dois primeiros anos de vida da criança. Em fase escolar pode-se perceber que o aluno com autismo demonstra interação social limitada, problemas de comunicação verbal e não verbal, as atividades são limitadas e pouco usuais, demonstram também uma oposição a algumas atividades realizadas em sala de aula, diferentes de outros alunos. Além disso, possuem pouca conversação ou diversas formas de expressão únicas de um autista, dificuldade em olhar nos olhos e concentração em aula.

Segundo Facion (2007, p. 31), “ainda que o Transtorno autista possa vir associado a diversos problemas neurológicos e/ou neuroquímicos, não existe ainda nenhum exame específico capaz de detectar a sua origem”. Apesar de todos os estudos relacionados a crianças com autismo, podemos verificar que este transtorno não possui causa específica ou genética. Por outro lado, há autores que consideram os fatores genéricos como a causa do autismo, conforme Omairi (2013) apresenta que, apesar de não estar completamente elucidado, o autismo está fortemente relacionado a questões genéticas. Ainda que as causas de o Autismo não sejam totalmente compreendidas, especialistas na área acreditam que as combinações de múltiplos fatores podem levar ao autismo.

Pode-se afirmar que a comunicação é um dos principais fatores a serem observados em uma criança com suspeita de TEA, mas não se pode deixar de lado o acesso físico e motor, ainda que seja distante de serem percebidas. A comunicação é parte integrante de nossa vida e talvez a mais importante, onde o ser humano necessita se expressar demonstrando seus anseios, seja verbal ou não verbal, signos, expressões faciais, posturas e através de palavras faladas. Para uma criança com TEA, isso não é demonstrado com facilidade, necessita de intervenções de profissionais para que isso seja adquirido com o tempo.

A manifestação de comunicação e linguagem dos autistas é evidenciada através do tempo e do auxílio de todos os profissionais, seja da escola ou de atendimentos específicos na qual o aluno está inserido na comunidade. Esta comunicação não apresenta ser da mesma forma dos demais indivíduos, cabe aos envolvidos agenciar esse entendimento, buscando assim uma forma de comunicação e intervenção, respeitando seu tempo para que suas potencialidades sejam desenvolvidas.

No entanto, é necessário que vários estudos sejam realizados, devido a abrangência de características apresentadas pelos autistas, um conjunto comportamental e social para que seja feita uma intervenção de todos os profissionais, pois cada indivíduo é diferenciado do outro.

Nos dias de hoje existe vários métodos, segundo Leon e Lewis (1995) apud Facion (2007), na qual pode ser de auxílio na comunicação com crianças autistas. Entre estes, destacam-se: o TEACCH, Tratamento e Educação para autistas e crianças com deficiências relacionadas à comunicação, Sistema de Comunicação através de troca de figuras – PECS (*The Picture Exchange Communication System*) e ABA – Análise Aplicada do Comportamento.

O método TEACCH visa a adaptação ao comportamento de crianças com autismo através de sons, fotos e diversos meios utilizados. Já o método ABA auxilia autistas nas habilidades que ele não possui, atua basicamente no reforço de comportamentos positivos, pois pode ser ensinado de forma individualizada ou em grupo.

Toda intervenção baseada na comunicação e linguagem podem influenciar o desenvolvimento das crianças com TEA. A CAA (Comunicação Alternativa/Aumentativa ou suplementar) contempla uma forma de comunicação e linguagem para esses alunos, auxiliando uma significativa forma de apoiar e promover a fala.

O método PECS atua mais na área da comunicação, pois é através de figuras que o autista consegue se comunicar. E esse método é mais adequado e viável a todos que não possuem comunicação nenhuma ou que queiram adquirir, pois é estimulada através de cartões com imagens de fácil visualização e acessível aos profissionais ou até mesmo para própria família aplicar.

Portanto, estes são alguns métodos possíveis para auxiliar no desenvolvimento de alunos autistas. Todavia, deve-se salientar a diversidade que compõe as

características e comportamentos destes sujeitos. De acordo com Baptista; Bosa (2002, p. 37):

Conviver com o autismo é abdicar de uma só forma de ver o mundo – aquela que nos foi oportunizada desde a infância. É pensar de formas múltiplas e alternativas sem, contudo, perder o compromisso com a ciência (e a consciência!) – Com a ética. É percorrer caminhos nem sempre equipados com o mapa em mãos, é falar e ouvir uma outra linguagem, é criar oportunidades de troca e espaço para nossos saberes e ignorância. Se a definição de autismo passa pela dificuldade de se colocar no ponto de vista afetivo do grupo, é no mínimo curioso, pertencer a uma sociedade em que raros são os espaços na rua para cadeiras de roda, poucas são as cadeiras escolares destinadas aos “canhotos” e bibliotecas equipadas para quem não pode usar os olhos para ler. Torna-se então difícil identificar quem é ou não “autista”.

Sendo assim, podemos identificar que crianças ou adultos com autismo, na maioria dos casos, é uma condição que dura para a vida toda. Dificilmente podem viver de forma isolada e independente, necessitam da família ou de outros profissionais para seus cuidados e desenvolvimento diário. Por isso, ponderamos que a identificação e percepção dos profissionais devem ser precoce para amenizar os efeitos que esse transtorno venha a causar.

Na sequência, apresentaremos alguns dados relacionados ao autismo de nossa cidade, pois a mesma também demonstra um crescimento exponencial em relação aos números de crianças com TEA.

3.3 Dados da educação inclusiva em União da Vitória

Os dados coletados sobre a Educação Inclusiva nas escolas de União da Vitória são disponibilizados no SERE³, onde identificamos que a responsabilidade é das escolas de colocar os dados no site/plataforma todas as informações sobre os alunos presentes em cada instituição de ensino.

Os quadros a seguir mostram todos os alunos com deficiências que estão matriculados no sistema do município. É possível visualizar uma cartografia das diferentes deficiências presentes nas escolas de Educação Infantil, conforme apresenta o Quadro 1.

³ SERE: Sistema Estadual de Registros Escolar: sistema de informações desenvolvido com a finalidade principal de racionalizar as atividades burocráticas das secretarias das escolas.

Quadro 1 - Alunos com deficiências regularmente matriculados na Educação Infantil do ano de 2023

Deficiência	Quantidades de alunos(as)
Atraso no Desenvolvimento Neuromotor	02
Baixa Visão	01
Deficiência Intelectual	11
Distúrbio de aprendizagem	02
Transtorno de Espectro Autista	25
Total de alunos com deficiências:	41

Fonte: Sere, 2023.

Como podemos visualizar os alunos com TEA são em maiores números, pois, inclusive, notamos que esses alunos estão sendo diagnosticados cada vez mais cedo, assim podendo ter uma melhora em seus transtornos. Mais da metade dos alunos com deficiências possuem TEA na Educação Infantil da rede pública de União da Vitória em 2023. O quadro 2 a seguir apresenta o número de alunos com diferentes deficiências que estão matriculados no Ensino Fundamental I da referida rede no ano presente.

Quadro 2 - Alunos com deficiências regularmente matriculados no Ensino Fundamental 1 do ano de 2023

Deficiência	Quantidades de alunos(as)
Atraso no Desenvolvimento Neuromotor	05
Baixa Visão	01
Deficiência Auditiva	02
Deficiência Física	06
Deficiência Intelectual	29
Distúrbio de aprendizagem	TDAH: 27 Dislexia: 03
Surdez	01
Transtorno de Espectro Autista	47
Total de alunos com deficiências:	121

Fonte: Sere, 2023.

Houve um aumento exponencial de alunos com autismo. Através dos estudos realizados no ano de 2018 tinha registrado no sistema apenas 09 alunos com TEA, e em 2023 tem 47 alunos com TEA, isso somente no Ensino Fundamental 1, pois na Educação Infantil não foram encontrados registros anteriores a 2023. Percebe-se também que 40% dos alunos com deficiências são alunos com TEA, os outros 60% estão distribuídos em outras deficiências. Outro ponto a ser salientado ao comparar os Quadros 1 e 2 é o fato de que no Ensino Fundamental I aparecem registros de deficiências que não foram constatadas na Educação Infantil, como deficiência auditiva, deficiência física e surdez.

Ainda nas minhas pesquisas realizadas no Sistema Sere, pode-se perceber que apenas os alunos do Ensino Fundamental 1 frequentam as salas de recursos multifuncionais, com Atendimento Educacional Especializado (AEE), pois a Educação Infantil não possui sala de recurso, porque os alunos frequentam a escola em período integral. Esses atendimentos acontecem em período contrário de sua aula regular e também deve contar com professores com formação em Educação Inclusiva. Entretanto, há carência de professores com devida formação, ou seja, sem formação adequada para atuar com esses alunos.

Para frequentar o Atendimento Educacional Especializado necessita que o aluno possua laudo do médico e avaliações do contexto, que são iniciadas e realizadas diretamente com os professores e a equipe da escola através da observação diária desses alunos. Após esses encaminhamentos pode-se ter um atendimento e também conseguir esses dados coletados neste sistema (Sere), que são disponibilizados diretamente pela equipe da escola.

Através desse mapeamento o município disponibiliza os atendimentos necessários para esses alunos, como psicólogas e professores com a devida formação para as salas de recursos. Mas nem todos possuem o acesso a esses serviços, pois existem poucas escolas que tem AEE, e estão separadas por região. Alguns alunos até recebem transporte fornecido pelo município (vale transporte), mas os pais não têm condições relacionados ao tempo para levar seus filhos aos atendimentos. Quem tem o privilégio de ter sua escola com AEE saem ganhando com seus tratamentos individualizados. Pensando nessa perspectiva temos muito que avançar ainda em relação a inclusão e o mais importante ainda no que se refere às políticas públicas.

Diante disso, o próximo capítulo analisa a narrativa de uma mãe com filho TEA que relata, entre outras questões, sobre os atendimentos fornecidos pelo município gratuitamente. A partir de sua fala, podemos pensar no princípio da inclusão desse aluno, desde a descoberta do transtorno até os dias de hoje. Assim, ficam os questionamentos: Será que ele foi incluído corretamente, teve todos os atendimentos devidos e gratuitos? Como essa mãe se relaciona com o filho TEA? Como é a trajetória pessoal deste menino que foi aluno da presente pesquisadora? Quais suas principais singularidades, potencialidades e dificuldades? A partir destas questões orientadoras será possível analisar e refletir sobre este estudo de caso de um aluno com TEA, cuja investigação pode trazer elementos que servirão de subsídio ou referência para compreender outros alunos TEA, de outros contextos e realidades. Ao mesmo tempo, não se tem a pretensão de generalizar, desconsiderando a particularidade deste caso. O capítulo seguinte inicia a exploração do material produzido pela pesquisa de campo.

4 NARRATIVA DE UMA MÃE COM FILHO TEA: DESAFIOS, CONVIVÊNCIA FAMILIAR E ESCOLAR - UMA REVISÃO SISTEMÁTICA SOBRE O AUSTIMO

Este capítulo dá início à análise da pesquisa de campo a partir das considerações que serão realizadas sobre a narrativa produzida pela mãe do aluno com TEA. A entrevista com Grace Kelly foi realizada após diversas tentativas, pois ela é bastante ocupada com as terapias de David. Além disso, aconteceu o fato de que em algumas vezes que ela poderia participar da entrevista, eu não tinha disponibilidade. Contudo, ela sempre demonstrou muito interesse em participar de uma pesquisa onde o caso de seu filho é questão de estudo. Esta mãe sempre está disposta a ajudar e apoiar pessoas na qual necessitam de auxílio com os direitos dos autistas. Conheço essa mãe desde 2020, onde iniciei o ano com seu filho como meu aluno na Infantil 5. Foram poucos dias de aulas e contato, pois iniciou-se a Pandemia e as aulas foram remotas e também acabei me afastando da escola devido estar passando por uma gestação.

O aluno David demonstrava-se muito esperto e ativo naquela época. Os dias se passaram e voltei a lecionar na turma de David no ano de 2022, onde tive muito contato com esse aluno maravilhoso. Conforme mencionado na Introdução, neste mesmo ano iniciei o curso de Pós-Graduação Dinâmicas Regionais: Sociedade, Natureza e Ensino, onde pensando em qual seria o tema de Trabalho de Conclusão de Curso, surgiu a ideia de estudar o caso deste aluno. Como é sua trajetória escolar? Como é seu convívio familiar? Como são seus tratamentos? E também pensando na formação de professores, que nos dias de hoje necessitam de formação para atuar com a inclusão de TEA, que aumenta cada vez mais nas escolas de ensino regular. Através desses pressupostos e também com o objetivo de qualificar a minha prática docente, iniciei meus estudos com um estudo de caso com entrevistas com professora e estagiária deste aluno e com a vida e formação do mesmo, onde realizei a entrevista com a mãe, além da minha própria narrativa sobre as experiências que tive ao trabalhar com David em sala de aula.

Iniciamos a entrevista apresentando a proposta do que seria desenvolvido na pesquisa e com a assinatura do termo de consentimento. Após uma conversa informal, a partir das devidas apresentações, perguntei sobre a gestação de David. Onde a mãe relata que:

Foi uma coisa de surpresa, tomei os comprimidos certinho, quando vi estava grávida, não foi uma gravidez planejada, mas desejada, foi aquela surpresa né, não quero ficar grávida agora por que tem mais um tempo, vou viver minha vida, mas quando vem aquela gravidez, é mais importante que se torna. Engravei com 34 anos, já estava com uma filha de 15 anos. (Grace Kelly, 2023)

Ao relatar esse episódio percebo que a mãe fica um pouco quieta e triste ao relatar sobre o luto que passou quando perdeu sua filha com 19 anos, contando que ela cuidava do seu irmão. Ele tinha 3 anos na época, relatando assim sobre o saber do David, ela conta tudo para ele sem esconder nada.

Ao continuar, pergunto sobre como foi a descoberta do autismo.

Ele foi para o CMEI (Centro Municipal Educação Infantil), com três anos, ele não chorava muito, **para mim ele é uma criança normal, claro que todos nós somos normais, ele também é normal.** Mas assim, eu trabalhava fora, e quem mais ficava com ele era minha pequena, minha menina, o que acontecia, ela limpava a casa com ele dormindo, sentava com ele com “Brinquedinho”, só que a gente não notava que ele mexia muito a mãozinha, sabe. Por último, o que aconteceu, foi colocado na creche e ele não fazia socialização com as outras crianças. Ele ia para debaixo da mesa, pegava todos os brinquedos que ele gostava e passava o dia inteiro debaixo da mesa e não comia, seletividade alimentar, comia somente banana e bolacha Isabela, e a diretora me chamou para uma conversa. (Grace Kelly, 2023) (Grifos meus)

Após essa fala percebo que os traços de autismo ficaram mais evidentes quando David começou a frequentar o CMEI, e destaco na fala da mãe sobre a questão da anormalidade.

Como isso faz com que a pessoa com um corpo marcado por algum tipo de deficiência seja estigmatizada e colocada em posição de desvantagem social. Tal experiência coloca a pessoa estigmatizada como sujeito desviante da norma (lidade) que ao se sentir “estranho a si mesmo” abre margem à dominação que se articula ideológica e politicamente através do enfraquecimento das coletividades, de interiorização, da repressão dirigida, do divisionismo para que deixem de questionar a ordem hegemônica e até passando a identificar-se com ela (SILVA, 2022, p. 12).

Sobre essa reflexão, podemos perceber que a dita normalidade segue padrões de que todos os alunos sem deficiências são normais, e quem possui alguma deficiência é anormal. Nós, como professores, precisamos extinguir esse pensamento, pois isso não coloca em nenhuma vantagem social. Deve-se reconhecer a diversidade.

Quando a diretora do CMEI a chamou para uma conversa, ficou surpresa com a notícia e nem sabia o que era o tal Autismo. A partir daí ela começou a pesquisar sobre o transtorno. Em seu relato destaca que em uma consulta com neuropediatra e psicólogo (citou os nomes e elogiou como excelentes profissionais), que ficaram em uma consulta por uma hora e meia, onde foi realizado diversos testes como chamando

David para brincar, ele virava as costas para eles, colocaram diversos brinquedos de vários tamanhos e cores, onde David selecionou por tamanhos pequenos e por cores (citou as cores e se emocionou). Demonstrou orgulhosa e falou:

Nossa, tem gente que fala, teu filho é deficiente, gente deficiente é a gente, sabe, que o egoísmo do ser humano de achar que eles não têm capacidade de evoluir, são muito inteligentes, ele dobra a gente né. Aquele EU TE AMO, depois que ele faz alguma coisa errada, me quebra as pernas. (Grace Kelly, 2023)

Nessa fala, Grace demonstra muito orgulho do filho que tem. E percebo a importância de os profissionais trabalharem em conjunto em um caso tão delicado.

Na adaptação aos seus novos papéis, os pais de crianças autistas devem aprender sobre o que é o autismo e sobre as especificidades das diferenças entre seus filhos e as outras crianças. Eles precisam desenvolver novas estratégias para abordar as hipersensibilidades, os atrasos motores, dificuldades de atenção, problemas de linguagem e de comunicação, deficiências conceituais, ansiedades e temores, obsessões, rigidez e outros problemas comportamentais dos filhos. (WHITMAN, 2015, p. 246).

Observa-se que Whitman (2015) e Baptista; Bosa (2002), já citado no subcapítulo 3.2 deste trabalho, seguem a mesma linha de pensamento ao se tratar de famílias que descobrem quando seus filhos possuem alguma deficiência, ainda mais quando se trata de autismo. Os pais precisam conhecer os elementos que envolvem o autismo, pensando de forma a amenizar esse transtorno, pois em um mundo em que vivemos, ainda existe muitos preconceitos e pessoas que não conhecem bem como é ter um autista em sua família. Isso demonstra na fala da mãe de David, através dos seus anseios e suas preocupações com o mundo exterior sobre o tratamento social para/com seu filho.

Na continuação da entrevista da mãe, ainda sobre a descoberta do autismo em David, na qual relata sobre todas as consultas realizadas e quais profissionais examinaram ele na época, ela conta que pagou uma consulta com Neuropediatria, quem transmitiu o laudo, onde após isso, consultou ele com outra médica do SUS⁴. Nesta consulta, solicitou diversos exames: encefalograma, eletrocardiograma, ressonância magnética. Relata ainda que foi realizado todos os exames possíveis em David e agradece por ser somente Autismo.

Após essa descrição, ela fala como foi realizar os tais exames:

⁴ SUS: Sistema Único de Saúde.

Então, ficamos uma semana para não sobrecarregar ele e não assustar muito ele, fizeram um exame por dia lá. O Hospital Pequeno Príncipe,⁵ posso te dizer assim, é o melhor hospital infantil no Brasil, para mim é o melhor, e o tratamento deles lá é tudo com carinho e então é tudo pelo SUS, mas o tratamento é como se fosse um tratamento particular. Foi tudo com muito carinho e o David, claro que eles tiveram que fazer sedação nele, e os monitoramentos com a enfermeira do lado, ele teve todo aparato, ele estava com quatro anos na época. (Grace Kelly, 2023)

Através desse relato percebo que os pais que procuram os tratamentos certos conseguem realizar os exames gratuitamente, garantidos pela Lei Romeo Mion, descrita nesse trabalho no capítulo 3.

Ainda na entrevista falamos sobre os sentimentos da família ao descobrir que David tem Autismo, foi um momento delicado e uma fala bem emocionante. Relatou que hoje em dia seu esposo é um ótimo pai, uma pessoa amiga e parceiro até então. Destacou Grace que a perda da filha foi bem desgastante, que ela era seu braço direito em tudo em que precisasse. Sua filha estava com 19 anos quando faleceu em um acidente.

Quando recebeu o laudo de David, ela narra:

Pensei assim: e agora? Eu não tenho mais minha filha para me apoiar, daí, chorei muito, eu disse, o que é isso, por que para uma mãe, você quer um filho com saúde, você quer um filho que.... Fiquei com muito medo, queria uma criança perfeita, não que ele não seja. Só que hoje eu aprendi mais com ele, porque é o autismo assim é um anjo em formato de uma criança. Se ele tem problema, ele não vai te agredir, ele não vai te bater. O que ele vai fazer? Ele vai se auto bater, vai se auto agredir, sabe, para suprir aquela dor, se retirar e o que a gente, “normais”, faz? A gente vai para agressão, a gente vai falar mal, ser humano quer brigar, na verdade. Já uma pessoa com autismo não. Se é amor, é aquele amor puro. (Grace Kelly, 2023)

Nesta fase da entrevista, falo para ela sobre como era o comportamento de David diante das situações que lhe contrariava em sala, ele falava: “Minha Culpa” e “Eu te amo”, onde ela também destaca que são palavras do próprio David. Ele sabe distinguir as situações.

Neste momento, ela comenta sobre outro aluno autista que estuda na mesma escola, sobre alguns acontecimentos que ocorreram, onde a mãe de David ensina a não bater. Já seu pai, diz para bater. O próprio David relata na fala da mãe: “Não, papai, o colega é meu amigo e não sabe o que fez, ele não tem culpa, ele não sabe o

⁵ O Pequeno Príncipe é mais do que o maior hospital exclusivamente pediátrico do Brasil. É um centro de referência no qual se pratica, ensina e pesquisa o que há de mais moderno para o diagnóstico e o tratamento de crianças e adolescentes. É um hospital que se preocupa com a saúde dos seus pacientes, para além do tratamento das suas doenças.

que fez”. Nesta fala, ela demonstra que David tem empatia pelo seu colega. Nesse sentido, pode-se ressaltar que:

No momento de uma desorganização sensorial por sobrecarga ou crise emocional de uma pessoa com autismo, não leve para o lado pessoal. Isso significa que não é sobre você ou como você se sente nessa situação. Se o seu desejo é realmente ajudar, mantenha a calma para não reverberar ainda mais o estresse. (MAYER, 2020, p. 85).

Contudo, penso que David já é capaz de ter empatia pelos colegas e está entendendo que é autista, pois demonstra muito carinho por colegas que convive na escola. E sua mãe sempre ajuda e ensina seu filho a não revidar nos confrontos do outro colega, pois, além de ser autista, o outro colega também tem TOD (Transtorno de Oposição Desafiante). “Criança que não aceita o não, ele não sabe o que ele fez, aquilo me partiu o coração, porque além de ter confrontado ele, ele continuou a não ter maldade. E nós, seres humanos normais, o que queremos? Discutir, brigar”, relata Grace (2023).

Na continuidade da entrevista, pergunto: quem é o David?

Então, o David para mim é minha luz, é o motivo da minha existência, porque até então, quando eu pensei, recebi a notícia da minha filha ter falecido, que o médico falou assim: Mãe, a gente fez tudo que pode por ela, mas a gente não conseguiu. O meu mundo se tornou preto naquele momento e falei para o médico sabe, eles pediram os órgãos dela, sabe, eu disse assim: por que você está pedindo os órgãos dela, se vou tirar minha filha viva daqui de dentro? Eu falei para ele sabe, eu lutei, eu rezava dia e noite pela vida dela. Eu tentei me matar duas vezes, tentei me jogar no Rio Iguaçu, tentei me jogar debaixo de um caminhão. Me seguraram, era psicólogas, era marido, era família, eu fiquei totalmente transtornada, tentei me matar mesmo, sabe. Por um momento na hora não pensei nele, porque até então não tinha laudo dele, a gente estava em processo, não sabia que ele ia depender tanto de mim. Hoje posso dizer que o David é meu porto seguro, que mesmo ele estando dormindo do meu lado, eu estou passando a mão no nariz dele, para ver se ele está respirando. Ele dorme comigo, ele é a luz do meu caminho e se hoje eu respiro, eu peço saúde e respiro pra Deus, é por ele, que eu sei se fazer de tudo hoje por ele, amanhã a gente tem um adulto com cabeça. Um adulto que vai poder trabalhar, vai ter família. Eu quero fazer ele um ser humano de bem na vida, uma pessoa boa. Então, o que posso te dizer que o David é minha vida, é meu tudo. (Grace Kelly, 2023)

Nessa fala percebe-se que a mãe se emociona novamente e volta a relatar sobre o luto que passou com sua filha que era tudo para ela. Sua fala e suas emoções refletem na vida de seu filho. Assim, penso que o cuidado desta mãe na vida escolar, tratamento e as preocupações com seu filho, que também são relatados na fala da estagiária e nos meus diários (como será exposto no próximo capítulo), está relacionado à preocupação e o medo, ou talvez uma forma de suprir seus sentimentos que foram tirados de uma forma trágica. Talvez ela veja no David uma forma de suprir a falta da filha, por isso o cuidado tão intenso e a superproteção. Entre o diagnóstico

e até a compreensão das singularidades de seu filho há um processo gradual, em que:

Embora o trabalho do luto possa prolongar-se por um longo período, a intensidade emocional é normalmente moderada, à medida que os pais vêm a aceitar, amar e sentir alegria pelo filho que têm. A aceitação completa envolve uma compreensão do seu pequeno e da natureza do autismo, uma diminuição da ansiedade e tristeza e o desenvolvimento de expectativas realistas por parte dos pais em relação ao que o futuro reserva para a sua família e o seu filho. (WHITMAN, 2015, p.235).

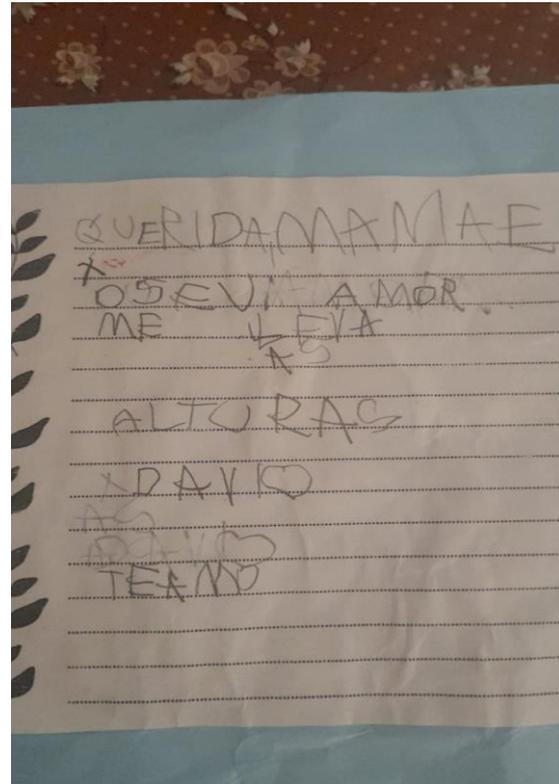
Seguimos a entrevista e abordamos as experiências marcantes boas e ruins que acontecerem até agora na vida de David, onde ela narra:

Uma experiência ruim que ele já me fugiu, lá no Bairro São Pedro. Ele tinha 3 anos e meio, ele estava assistindo televisão, e eu sempre deixava o portão fechado, e no momento assim, ele pegou e meu tio deixou o portão aberto, e veio conversar comigo e não vi que ele saiu pela porta da sala. E ele pegou e foi na casa de uma família que a gente tem como família também sabe, são amigos. Ele marcou o caminho que eu sempre levava ele para brincar com as crianças lá, chegou lá só de fralda, descalço. Essa foi uma, e no mesmo bairro, aconteceu também, o pai entrou para dentro pegar sabão em pó, e quando voltou: cadê a criança? Uma gurria estava levando ele para lá do Vice King (bairro próximo), minha cunhada que encontrou ele. Aí você me falou de alguma coisa que te marcou, lembrei disso agora, essa mulher pegou ele pela mãozinha e estava levando ele embora. Você vê como Deus existe, a minha cunhada estava chegando e ela olhou dentro do carro e disse: cadê o David? Só vi o sapatinho né, e meu marido estava ali, e nisso a gente gritou, gente me ajuda a achar o David. Gente era aquele bairro, nossos amigos tudo, saiu gente de tudo quanto é lado, minha cunhada saiu de carro, e viu uma gurria de mão dada com o David, e falou: - David, o que você está fazendo? E o David não sabia falar ainda, porque ele começou a falar com cinco anos. Ué, onde você está indo, você conhece essa tia? Daí a gurria responde que não sabia o que fazer porque ele se agarrou na minha mão e veio vindo. Ela relata ainda que foi muito estranho, a sorte dela que eu não estava, se não ia dar uns tapas nela, a minha mão ficou gelada só de lembrar... (Grace Kelly, 2023)

As atitudes de David sobre a fala da mãe demonstram que o Transtorno de Espectro Autista, com um ponto de vista comportamental e com a pouca manifestação da linguagem, descritos no capítulo anterior, fazem com que ocorresse esse episódio tão marcante para esta mãe.

Ainda a respeito de experiências marcantes, pergunto a mãe sobre algumas das experiências boas de David. Ela narra que uma coisa muito boa foi o cartão que ele fez do dia das mães (figuras 1 e 2), onde estava escrito: Mamãe, você me leva as alturas, você é o amor, mamãe eu te amo. Isso foi muito marcante para ela e relata também que ele sempre leva uma flor para ela.

Figuras 1 e 2 - Frente e verso do cartão do dia das mães



Fonte: Arquivo da mãe (2023).

Pergunto ainda para a mãe sobre quais são as singularidades do David, onde ela diz que ele não tem nada de singularidades, pois gosta de dividir tudo com seus colegas, ainda brinca que ele é uma criança “dada”, não sabe dizer se isso vem da criação, da educação que eles proporcionam a ele. Ela ensina ele a dividir, repassa esse ensinamento desde pequeno. Observa-se que a mãe não compreendeu o questionamento, pois ao perguntar sobre as singularidades estava me referindo às características próprias do David e não se ele é egoísta ou individualista. Nesse momento da entrevista fomos interrompidas pelo David, que voltou de sua aula da Sala Multifuncional.

Então, fizemos uma pausa, depois continuei e finalizei a entrevista em outra gravação de áudio. O David estava presente nesta segunda sessão da entrevista. A mãe ainda relatou que quer fazer uma parede com uns carrinhos (hot whels), destacando quando vai as crianças na sua casa, ele divide todos seus carrinhos com os amigos. E também perguntei sobre as necessidades e higiene de David, sua mãe demonstra ter preocupação sobre sua alfabetização e sobre a higiene narra que ele faz tudo sozinho, como tomar banho, escovar os dentes, entre outras necessidades básicas.

Sobre a relação com a família:

Assim, primo ele só tem uma, tios tem poucos, ele se dá bem, respeitam. O meu pai, que ele não gosta de ir muito lá, pois está acamado, e os amigos que são como família para nós. Todos têm filhos e aceitam como ele é. Antigamente ele não comia na casa de ninguém, agora ele come, também ele come na escola, mas tem coisas que ele não gosta. (Grace Kelly, 2023)

Sobre a relação familiar, percebe-se que David se dá bem com todos ao seu redor. A construção desta relação com os outros não é uma tarefa simples, conforme salienta o autor:

Aprender como relacionar-se com uma criança com autismo, e como cria-la, é uma tarefa difícil. É preciso descobrir novas formas de criar esse filho. Os pais com crianças que demonstram desenvolvimento lento, em uma ou mais áreas, com frequência, precisam adquirir um novo modo de pensar sobre o desenvolvimento e sobre as conquistas dessa criança. (WHITMAN, 2015, p.240).

Ao finalizar essa entrevista, percebo que essa mãe é muito dedicada e faz um trabalho excepcional para/com seu filho. Ela se tornou praticamente especialista em autismo, sabe como agir, sabe como e onde buscar ajuda, sabe indicar demais profissionais a outras mães que estão em fase de descobertas também.

Essa mãe demonstra ser bem responsável levando seu filho em diversas terapias e preocupada com a alfabetização dele. Ela é bem insistente quando se trata em ir atrás dos serviços públicos, pois sabe de todos seus direitos. Suas intenções e anseios estão de acordo com as afirmações de Mayer (2020, p. 153):

Nosso maior medo é deixar nossos filhos livres, mesmo quando eles conquistam independência. A apreensão sempre nos ronda, porém, ao transmitir coragem, segurança e amor, proporcionamos momentos como esse, que costumam ser dolorosos mais pelas expectativas criadas do que pelo momento em si. Por isso, permita-se doar vivências diversas aos seus filhos e alunos autistas. Somente por meio delas, eles conhecerão seus limites, adaptações e construirão a capacidade de superar.

Pensando nesse sentido, não somente na inclusão de autistas, mas de todos para todos, o vínculo criado através das aprendizagens já adquiridas, seja na escola ou em convívio familiar, deve-se reconhecer que cada um possui a sua história de vida. A trajetória de vida pessoal de Davi influencia no seu comportamento no espaço escolar. Refletindo profissionalmente, onde somos todos agentes transformadores, devemos sim buscar formações e instigar a inclusão de todos de forma genuína.

Hoje sei que, como professora e agente transformadora do saber, devemos buscar formações para saber atender e lidar com a inclusão que está cada vez mais presente nas escolas. Seguindo as leis já citadas no capítulo anterior, vem o pensamento de que: será que a escola está pronta para receber esses alunos ou para

atender os alunos que estão sendo diagnosticados aos poucos? Será que as políticas públicas estão dando suporte às escolas com esses alunos inclusivos que são sujeitos de direito?

A partir destas constatações da mãe, percebo que pela minha caminhada e passagem nas escolas e relato de outras mães que têm os filhos diagnosticados com o autismo ou outros transtornos, não sabem ou não se informam dos direitos que são fornecidos pelos órgãos públicos. No entanto, o que podemos vivenciar em nossa profissão, que existem pais e mães dedicados e vão precocemente atrás de tratamentos para seus filhos.

Durante o precoce período de incertezas, anterior ao diagnóstico, os pais oscilam entre sentimento de alívio que acompanham garantias do médico de família, e ansiedade, à medida que se tornam cada vez mais convencidos de que algo não está bem. À medida que suas preocupações aumentam, os pais, com frequência, envolvem-se em padrões de descoberta dos fatos, buscando informações com parentes, outros pais, livros, internet e, finalmente, com uma gama de outros profissionais médicos e nas comunidades de serviços educacionais. (WHITMAN, 2015, p.232).

A narrativa da mãe faz com que possamos refletir mais sobre as crianças com autismo, sobre seus direitos e por quais tratamentos devem seguir. Através de seu relato, também percebemos que ela passou por diversos estágios de sentimentos, o luto de uma filha, o diagnóstico do filho mais novo e assuntos relacionados a vivência com sua família. Durante esse processo ela adquiriu muitos conhecimentos e estratégias, na qual repassa às demais mães que vêm a vivenciar esse momento delicado.

Devido a multiplicidade de casos de crianças com transtornos nas escolas, os desafios que profissionais da educação vêm a enfrentar é cada vez maior, pois necessita de mais atenção e devidas formações, influenciando assim nos planejamentos adequados e adaptados para que haja aprendizado. Por isso, devemos procurar uma formação adequada, onde nos dê subsídios para atuar com essas crianças, de modo que demonstre como agir em casos de crises, por exemplo.

Portanto, esta sessão permitiu revelar a trajetória de vida pessoal do aluno David por meio da análise da narrativa de sua mãe. Foi possível perceber o contexto familiar que este aluno está inserido, as suas características e as suas singularidades, o que fornece elementos para que possamos compreender quem é este aluno para além do que experienciamos em sala de aula. Conhecer sua história de vida é fundamental para orientar o meu olhar e minhas práticas enquanto professora. Por isso, a adoção da perspectiva (auto)biográfica possibilita construir conhecimento a

partir das histórias de vida dos sujeitos. O capítulo seguinte irá abordar a trajetória de formação escolar deste aluno com TEA a partir da minha narrativa resultante do meu diário de formação e das entrevistas narrativas com a estagiária e professora deste ano de 2023 de David.

5 NARRATIVAS DAS PROFESSORAS E AUTONARRATIVA DAS VIVÊNCIAS COM UM ALUNO AUTISTA

Esta sessão irá apresentar e discutir a trajetória de formação escolar do aluno David a partir da análise das entrevistas narrativas realizadas com a estagiária e com a professora, além dos meus relatos que foram produzidos em um diário a fim de expressar a relação que tive com este aluno quando fui sua professora. Para investigar este material elaborado na pesquisa de campo, se partirá das questões orientadoras das entrevistas para estabelecer os cruzamentos com as três narrativas. O objetivo é manifestar a visão, os aprendizados e os desafios que profissionais da Educação (estagiária e duas professoras) possuem no seu trabalho pedagógico com um aluno com TEA. Ou seja, pretende-se compreender esta realidade específica deste estudo de caso, pois pode fornecer elementos para pensar à docência com alunos com TEA e se relacionar e/ou diferenciar com as realidades e contextos de outros professores.

Ao realizar as entrevistas com a estagiária e com a professora, percebi que ambas ficaram bem à vontade. As duas entrevistas foram realizadas em uma sala de aula, onde é utilizada atualmente para o contra turno da escola. Além disso, relatei as minhas impressões através dos meus diários que possuem anotações ligadas ao comportamento e o desenvolvimento do David no período em que convivi com ele na condição de professora da sua turma.

David é um aluno bem ativo, sempre disposto a ajudar o próximo, seja professora ou colegas da turma. Nas minhas anotações, embora sejam breves e bem relacionadas ao seu comportamento, podemos relacionar que seu desenvolvimento é bem relativo a um autista, sendo que tem suas singularidades, seus desejos e seus anseios, onde demonstra afeição e carinho para com todos.

Percebo isso também nas falas das entrevistas realizadas com a estagiária e a professora, ainda que estas tenham sido bem rápidas e tranquilas, pois não houve interrupção no decorrer das entrevistas. Senti que elas conhecem muito bem a forma de atuar com David. No quadro 3 percebemos a formação e atuação das professoras e da estagiária que atuam diretamente com David:

Quadro 3 - Formação e atuação das participantes da pesquisa

Entrevistadas	Formação	Atuação/profissão
Veredian 25 Anos	Graduada em Licenciatura em Pedagogia pela Unespar em 2020.	Professora do Ens. Fundamental Público há 8 meses, em formato PSS (Processo Seletivo Simplificado). Professora de Educação Infantil Privada há 2 anos.
Day 32 anos	Cursando: Magistério no Colégio de Educação Básica Professor Balduino Cardoso e Licenciatura em Pedagogia na Faculdade Unifatecie.	Estagiária na Escola com a carga horária 30 horas semanais (2 anos) e mais 10 horas do projeto de alfabetização.
Marta 39 anos	Mestranda no Mestrado Profissional em Educação Inclusiva pela Unespar, aluna da Pós-graduação Dinâmicas Regionais, Sociedade, Ensino e Natureza pela Unespar. Graduada em Licenciatura em Pedagogia pela Unespar em 2013.	Professora do quadro efetivo da Prefeitura de União da Vitória desde 04 de abril de 2016.

Fonte: A autora, 2023.

Durante toda essa pesquisa, realizei um diário de formação, onde contarei esse relato aqui, como foi atuar com o aluno David em minha trajetória como professora regente de turma no ano de 2022. Apesar de já conhecê-lo, os primeiros e poucos contatos com o aluno David e família foi como professora da Educação Infantil como mostra a Figura 3, no início do ano de 2020, quando veio a pandemia. Tive que me afastar devido a gestação e pandemia.

Figura 3 - Primeiros contatos com David antes da pandemia



Fonte: Arquivo da autora (2020).

Como professora do David no início de 2022, na turma do 2º ano do Ensino Fundamental (Figura 4), fiquei muito lisonjeada em tê-lo como meu aluno e me senti desafiada por ser uma turma grande⁶ e de alfabetização. Tive diversos desafios, com vários alunos com dificuldades de aprendizagem, dois alunos com autismo e um deles que faz uso de traquíio.

Figura 4 - Turma do 2º ano de Ensino Fundamental no ano de 2022



Fonte: Arquivo da autora (2022)

⁶ Turma com 28 alunos.

A primeira entrevista realizada foi com a estagiária Day e depois a professora Veredian, regente da turma do 3º ano do Ensino Fundamental deste ano de 2023. Antes de iniciar a entrevista percebi que a professora Veredian estava bem ansiosa e preocupada se eu iria perguntar algo que não estivesse na pauta. Após a assinatura do termo de consentimento, iniciei as entrevistas perguntando sobre suas formações e sobre a turma que é um 3º ano, tem 26 alunos. Dentre esses 26 alunos tem um aluno que também é autista, tem problema na traquio e mais alguns outros que apresentam dificuldades de aprendizagem, mas não possuem laudos. E o David, que é autista, sobre o qual estamos realizando este estudo de caso. Através das falas de ambas percebo que a turma continua a mesma, tanto de quantidade, como as particularidades relacionados a aprendizagem.

Observei também que as respostas foram ao encontro com o meu conhecimento e na vivência do aluno David, pois Day relatou que conhece ele desde a ida na Creche. Eu o conheci quando fui professora da turma na mesma escola de Educação Infantil. Day (2023) assim relata “Bom, eu conheço o David desde a creche, por conta da minha filha, eles vêm desde a creche juntos, são colegas de turma, eles estão desde o Infantil 4 na creche juntos. Conheço a mãe dele e o pai por conta disto”.

Esta resposta remeteu uma informação de que onde sua filha estuda, o David faz parte. Logo, lembro-me vagamente que David foi meu aluno no ensino remoto devido a pandemia do Covid-19⁷ que passamos no início de 2020. Acompanhei eles por um curto período de tempo. Em seguida, tive que me afastar devido a minha gestação.

Com a resposta de Day, perguntei sobre os contatos com a família, onde narrou que esta é muito maleável, tem contatos diariamente e percebe a preocupação da família com a educação do seu filho. Ao se referir à mãe de David, Day (2023) afirmou:

Bom, ela é uma pessoa bem maleável, entra sempre em contato comigo para falar quando o David não está bem. Eu também sempre entro em contato com ela quando tem atividade, ou coisa diferente para casa. Ou quando acontece algum problema com ele, a gente sempre está em contato. Ela tem uma preocupação muito grande com o David, é tanto pessoalmente quanto academicamente, ela se preocupa bastante com a qualidade do ensino dele.

⁷ A Covid-19 é uma infecção respiratória aguda causada pelo Coronavírus SARS-CoV-2, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de distribuição global. Em 31 de dezembro de 2019, a Organização Mundial da Saúde (OMS) foi alertada sobre vários casos de pneumonia na cidade de Wuhan, província de Hubei, na República Popular da China. Tratava-se de uma nova cepa (tipo) de Coronavírus que não havia sido identificada antes em seres humanos.

Percebo que os contatos que a estagiária tem com a família são bem relevantes e sempre com a mãe, demonstrando assim que o pai é pouco presente e que geralmente a mãe demonstra-se bem preocupada com o aprendizado do filho. Já na entrevista realizada com professora regente da turma Veredian (2023), diz que seu contato é “somente através da escola mesmo. Eu vim esse ano para cá, eu não conhecia, e acabei conhecendo no início do ano mesmo”. Nessa mesma fala, sobre como é a relação da família de David, percebo que os contatos com a família são mais restritos, pois quando a mãe dele necessita de alguma coisa fala diretamente com a supervisora da escola.

Diferentemente quando eu atuava no ano de 2022, com a mesma turma, eu tinha contatos diretos com a mãe, pois sempre que necessitava falar com ela, mandava mensagem e ela também, quando precisava, me contactava, desde atividades escolares quanto assuntos pertinentes de seu aprendizado e comportamentos. Os contatos diretamente com o pai eram quase que inexistentes, pois sempre estava em viagem ou ocupado com seu trabalho. Percebo que através das narrativas das entrevistadas, “os pais aprendem a assumir maior responsabilidade pelo bem-estar dos seus filhos, aumentando seus conhecimentos sobre o autismo”, conforme se observa na postura da mãe de David (WHITMAN, 2015, p.235).

Sobre as crises de autismo, Day (2023) falou sobre a personalidade de David:

Ele é muito intenso. Por conta de ele ser muito intenso, ele demora a se acalmar, e daí tipo às vezes você fica meio perdido, de você não conseguir pegar um gatilho para conseguir acalmar ele. E daí por conta de ter muitos alunos na sala, ter mais alunos, outro aluno com autismo também, tipo e o outro não fala. Então, eu tenho medo que dê crise nos dois ao mesmo tempo.

Já a professora Veredian (2023), afirma que:

Eu sempre tento pensar como que ele está pensando, como que está acontecendo com ele primeiro para mim conseguir fazer com que ele se acalme. Porque às vezes a gente fala assim, calma não é suficiente, **você tem que pensar o que ele quer**, como que ele quer isso. (Grifos meus)

Diferente dos pensamentos da estagiária, a professora tenta pensar como o David, colocando-se no lugar dele, imaginando como faria para acalmá-lo. Com esses relatos percebo que, nas minhas anotações, David ainda age de forma extrema, pois sempre acontecia quando algo não lhe agradava. Sentimentos de frustrações e xingamentos a si próprio são de sua personalidade, apesar de acontecer em poucos momentos e ser bem seletivo em suas conquistas, pois seus desejos refletem muito no seu comportamento. Essa seleção depende de seus dias, demonstra cansaço

quando não quer realizar tal atividade, pois diversos momentos quando atuava com ele, demonstrava interesse nas mesmas atividades na qual eu passava para os outros alunos.

Sobre a formação de professores, temática que foi abordada nas entrevistas, principalmente sobre as dificuldades que a estagiária e a professora possuem no trabalho com aluno com TEA, salienta-se:

Tradicionalmente, entende-se que formação inicial acontece nos bancos das universidades quando, então, o estudante universitário tem os primeiros contatos formais relacionados à atuação para a docência. Já a formação continuada deve ser compreendida como aquela que permeia o dia a dia dos docentes, levando-os a uma reflexão prática sobre a própria atuação em tempos e espaços escolares. Há que se lembrar que, por vezes, ela acontece através de cursos livres, de extensão, aprimoramentos fornecidos ou não pelas instâncias municipais de ensino. (FROSCH, 2023, p. 26)

No que diz respeito à sua formação, Day destaca que necessita muito de apoio dos professores da escola que atuam há mais tempo, porque sua formação não lhe dá aporte para atuar com os casos de autismo, pois ainda na turma em que ela auxilia tem mais crianças com deficiências, que é o aluno com traquio e também tem autismo e alguns alunos que apresentam muitas dificuldades de aprendizagem. Isso remete ao ensino colaborativo, como define Zaboroski:

A estratégia do ensino colaborativo pode favorecer o processo da educação inclusiva e, também, possibilitar aos professores uma formação permanente no próprio contexto de trabalho. Contudo, a necessidade de se repensar o papel do professor do AEE e da sala comum para que efetivamente se desenvolva a Educação Inclusiva. Por meio da estratégia do ensino colaborativo, todos os estudantes, públicos-alvo ou não da Educação Especial, convivem, participam e aprendem em um mesmo espaço escolar. Todavia, esta possibilidade e realidade trazem novos desafios para a formação de professores e para a cultura escolar (ZABOROSKI, 2017, p. 126).

Já na entrevista com a professora Veredian, esta relata que não possui uma formação adequada para atuar com esses alunos. Esse foi o mesmo sentimento que eu tive quando recebi essa turma. Desse modo, temos os mesmos anseios. Essa constatação foi relatada no início dessa pesquisa, onde os professores devem sentir-se preparados para atuar com alunos inclusivos, para que seja gratificante tanto para o professor quanto para o educando. Segundo Carneiro (2016), o professor deve ser reflexivo sobre suas ações desde o início de sua formação, estabelecendo relação entre a forma como é ensinado e como virá a ensinar seus alunos.

Através desse relato, minhas vivências do ano em que atuei com essa turma, observava a mesma dificuldade e superações devido a turma ter um número elevado de alunos. Tentamos superar as dificuldades de aprendizagens ao decorrer do ano, com auxílios de contra turnos e atividades extras para casa, sendo bem relevante em

uma turma grande e com tamanha dificuldade. Alguns aspectos foram sanados, mas nem todos saíram ganhando com esse auxílio, pois existia alunos que necessitavam de um atendimento individual, visto que de acordo com seu perfil somente com atendimentos assim são capazes de desenvolver a alfabetização.

Ao finalizar a entrevista, pergunto sobre qual seu sentimento ao atuar com David, na qual ela destaca “Cada dia uma experiência diferente, é uma caixinha de surpresa, você nunca sabe o que vai acontecer no dia” (DAY, 2023). Suas expectativas são criadas dia a dia, pois percebo que na falta de uma formação adequada, remete ao: O que fazer? Como fazer? E de que forma fazer? Nesse sentido:

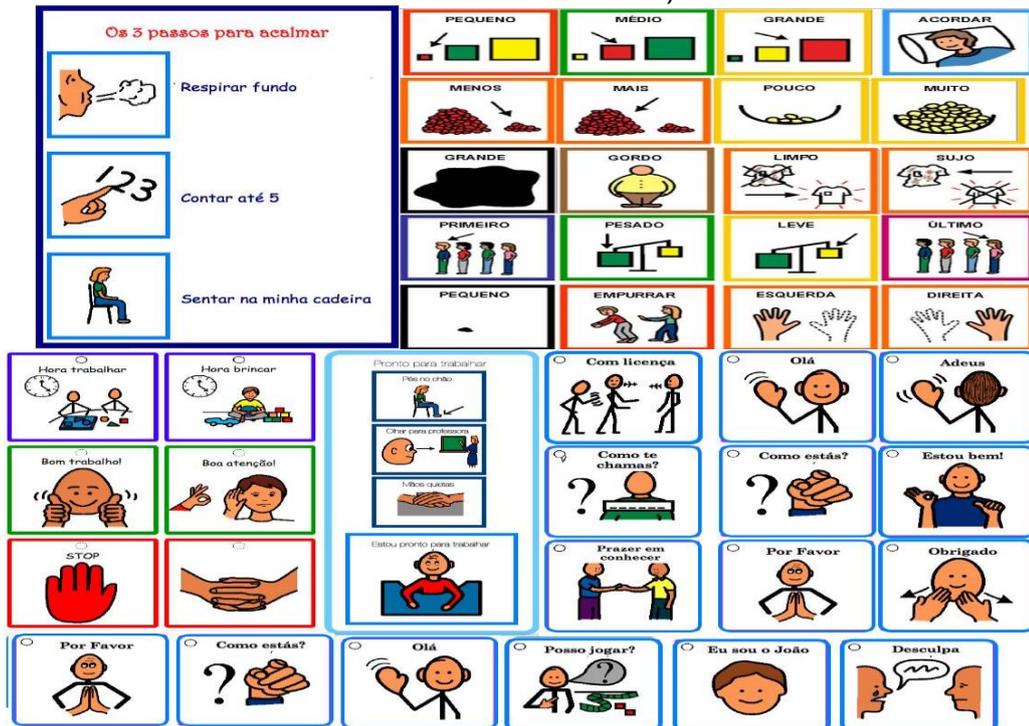
Consideramos fundamental a compreensão da atual realidade de formação dos professores da educação básica em nosso país, particularmente, daqueles que atuam na modalidade educação especial, para desvelar os nexos existentes entre o modelo societário atual e o modelo de professor funcional a essa sociedade. (GARCIA, 2013, p. 116)

Na continuidade da entrevista com a professora Veredian, pergunto sobre seu planejamento da turma, se a professora adapta ou não as atividades para os alunos deficientes. Assim ela relata:

Minha maior dificuldade foi no caso adaptar as atividades, por onde começar e como começar, porque o que a gente aprende na faculdade não é o suficiente para a sala de aula. Então me bati bastante e me bato ainda para conseguir me adaptar as atividades para ele que alcance. (VEREDIAN, 2023)

Suponho que suas adaptações são realizadas em forma de imagens ou concretas, assim como eles conseguem se localizar nas informações mais adequadas para que haja aprendizagem. Há um método que apresenta estas características, como já citado no capítulo 3, a respeito do método PECS. Este atua mais na área da comunicação, pois é através de figuras que o autista consegue se comunicar. Logo a seguir demonstro algumas figuras usadas com autistas para comunicação. Esse método é mais adequado e viável a todos que não possuem comunicação nenhuma ou que queiram adquirir, pois é estimulada através de cartões com imagens de fácil visualização e acessível aos profissionais ou até mesmo para própria família aplicar.

Figura 5 - Figuras PECS (Picture Exchange Communication System- comunicação usando troca de fotos)



Fonte: Ester (2012). Disponível em: <https://pt.slideshare.net/luziaarruda/comunicacao-alternativa?related=3>

As figuras Pecs podem ser utilizadas em diversos momentos, tanto em sala de aula comum, como no Atendimento Educacional Especializado (AEE). Essas figuras facilitam a comunicação entre professores, alunos e profissionais que atuam nas redes de ensino. São utilizadas na maioria das vezes com crianças/pessoas com diversos transtornos e/ou deficiências que não são comunicativos, ou que ainda não desenvolveram a forma de se comunicar com colegas e demais pessoas.

Nos meus relatos e vivências desta turma em relação às atividades adaptadas, estas eram realizadas pela segunda professora, que atuava juntamente comigo em sala de aula, na qual me auxiliava muito nesse aspecto. Eu mostrava as atividades de aprendizagem e essa professora realizava a adaptação para com o David, como o exemplo: eu entregava um texto na qual iria realizar uma interpretação textual, ela adaptava com imagens e realizava perguntas ao contar a história para ele. Algumas vezes David não aceitava, pois gostava de fazer as atividades que os outros alunos realizavam.

A aceitação das atividades foi a pergunta na qual eu dei seguimento a entrevista, onde me relatou o mesmo que a estagiária sobre a personalidade de David

ser muito forte e resistente, que geralmente ele não aceita as adaptações. Ele prefere fazer as atividades que os colegas faziam, não queria ser diferenciado.

Sobre as crises do autismo presentes no Davi:

Me sinto desafiada todos os dias, é algo bem desafiador, porque você sente a necessidade de você estar presente, de você fazer evoluir, mas se você não consegue. É encontrar como né, que nem a parte ali do ensino, da gente conseguir fazer um curso, aprofundar, conseguir entender e trazer a melhor qualidade para a educação dele. (VEREDIAN, 2023)

Ao finalizar a entrevista, percebo novamente a importância de se ter uma formação adequada para atuar com os alunos com deficiências e transtornos. É fundamental saber como agir em situações inesperadas que acontecem no dia a dia com essas crianças em sala de aula, sem segregar os ditos “Normais”:

Lembro que normais e anormais, nessa perspectiva, estão todos ao abrigo da norma. A norma contempla normais e anormais. A Modernidade e esses saberes modernos que vocês criam e desenvolvem do campo das áreas, pois estão fortemente engajados nesse processo de definir, numa população ainda informe, ainda sem formato definido e apreensível, as normas e os respectivos critérios para operar com elas. Isso significa, então, que normais e anormais não são conceitos ou entidades naturais, desde sempre aí, à espera de serem conhecidos. Eles são criados socialmente, inventados através de intrincados processos discursivos que estabelecem os regimes de verdade sobre uma população. (VEIGA-NETO, 2005, p. 5).

Pensando nas normalidades já destacadas nesta pesquisa precisamos rever nossos pensamentos do que é essa normalidade. Reafirmamos novamente que esse termo está cada vez mais ligado a preconceitos e deve ser revisado não só em nossa sociedade e sim também em todo ambiente escolar.

Dentre minhas anotações, percebi que o aluno David tem muita aptidão para a Matemática e Arte. Gostava muito de pintar desenhos de suas personagens favoritas e também produzir com materiais recicláveis, pois não podia ver uma caixa de papelão que já imaginava algo e tentava reproduzir. Assim como na maioria dos autistas, ele realizava suas atividades como prêmio. Recebia um desenho de sua personagem preferida para colorir, era uma única forma de tê-lo presente nas atividades de alfabetização. Já em Matemática, o aluno David realizava as tarefas com muito empenho e dedicação, sempre com auxílio de uma estagiária, que é a mesma estagiária que atua com o David neste ano.

Alguns dias ele se sentia frustrado com alguma coisa e não realizava as atividades. Essas frustrações desencadeavam uma crise de choro e culpa, rasgando as atividades e se isolando embaixo das mesas. Eu intervia com uma boa conversa e carinho. Após isso, ele realizava a atividade com dedicação e preocupação. O aluno

David é um menino muito carismático e tem aquela preocupação com o outro. Muitas vezes ele demonstrava seu interesse em ajudar o próximo. Usava sempre as palavras “Eu te Amo” ou “Minha Culpa”, demonstrando seus desejos e anseios.

O aluno David sempre demonstrou interesse para ir para a escola, sendo um aluno presente. Nas atividades de classe realizava com muita aptidão e com auxílio. David frequentava a sala multifuncional, que são descritas como AEE (Atendimentos Educacionais Especializados), onde todos os alunos com deficiências da Rede Municipal de Ensino de União da Vitória frequentam. Sempre que vinha, ele trazia algo produzido nesta aula e dividia com seus colegas, pois suas produções (atividades concretas) eram significativas e diferentes, chamando a atenção de todos da sala.

A família de David sempre foi muito presente em sua trajetória escolar. Quando eu necessitava falar com a mãe, ela demonstrava muito preocupação e dedicação aos seus cuidados. Ele frequenta diversas terapias a fim de amenizar as crises e auxiliar no aprendizado. A experiência adquirida ao longo do ano de 2022 foi um grande aprendizado e estudar sua formação escolar foi muito gratificante. Assim descobri a vontade de viver de David no seu mundo tão lindo e maravilhoso, na qual eu fiz parte.

Nas experiências com David, percebo que a professora, estagiária e em meus relatos, há muitas necessidades para atender as especificidades e demandas no aprendizado do mesmo, pois suas carências é de estar junto com colegas e professores. Pode-se perceber que David é sociável e gosta de todos seus colegas e professores, isso faz com que ele faça amizade facilmente.

Quanto às demandas para a minha atuação profissional, sinto muita falta de apoio da Secretaria de Educação e da escola em proporcionar formações gratuitas a nós atuantes diretamente com alunos inclusivos. Além disso, é importante repensar a maneira de formar as turmas onde esses alunos irão ficar, como já destacado nessa pesquisa. Em turma grandes como a de David, fica mais difícil o aprendizado e alfabetização de todos os alunos.

Já na atuação concreta do professor, deve-se refletir sobre seus planejamentos para que não sejam padronizados a todos. Se for algo adaptável a um aluno somente, deve-se pensar em suas singularidades. Em diversos momentos realizei adaptações em meus planejamentos, seguindo as competências da BNCC⁸. Contudo, essas

⁸ A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica.

adaptações dependiam do dia e seu humor, assim como todos os autistas, pois são muito imprevisíveis com relação ao comportamento. Nessa perspectiva, salienta-se que:

Crianças autistas parecem operar nos extremos. Elas podem reagir ao ambiente, por exemplo, com alta intensidade emocional, mostrar pouca resposta emocional e/ou flutuar emocionalmente entre esses extremos, às vezes, exibindo grande ansiedade, medo ou pânico e, em outros momentos, mostrando pouca ou nenhuma resposta manifesta, parecendo apresentar afeto indiferente. Indivíduos específicos não apenas apresentam variabilidade em seu comportamento emocional ao longo do tempo, mas também diferem um dos outros, com frequência, em termos de seu estilo específico de resposta ou temperamento (WHITMAN, 2015, p. 152).

Esse pensamento vem muito ao encontro e convívio que tive com David, pois a cada dia que vinha, tinha uma surpresa em seus pensamentos, às vezes vinha de casa irritado, mas tinha dias que vinha amoroso na maioria das vezes, como diz a estagiária Day, “David é uma caixinha de surpresa a cada dia”.

Uma das situações bem relevantes quando atuava com essa turma é a interação de David. Ele gosta de interagir ativamente com os demais colegas e entende o que é proposto nas atividades. Trago dois exemplos de atividade onde o aluno David interagiu ativamente com os demais colegas. A primeira é uma dinâmica da Aranha. Primeiramente, cantamos a música “A Dona Aranha”. Após, em círculo, todos teriam que falar uma qualidade de seu colega e o porquê gosta do mesmo, e assim repassar o barbante para quem o colega falou suas qualidades. Depois que todos falassem, deveriam voltar e agradecer os elogios desfazendo o círculo de barbantes. Nas figuras 6, 7 e 8 percebemos a interação da David com seus colegas e que ele entendeu muito bem a dinâmica. No começo da dinâmica ele queria escolher cinco colegas, mas depois de uma nova explicação, ele conseguiu interagir ativamente com todos.

Figura 6 - Dinâmica da teia de aranha



Fonte: Arquivo da Autora (2022).

Figura 7 - David Interagindo com os colegas na teia de aranha



Fonte: Arquivo da Autora (2022).

Figura 8 - David devolvendo o barbante ao colega que escolheu



Fonte: Arquivo da Autora (2022).

É impressionante a interação de David em todas as atividades. Ele age bem prestativo em tudo que lhe é proposto. Como exposto na narrativa da estagiária, ele é muito intenso e nunca sabemos o que ele pensa ou o que nos aguarda em seus dias. Isso revela a presença da incerteza no cotidiano do nosso trabalho docente. Dessa maneira, é importante pensar em uma formação de professores que não se preocupe em fornecer uma receita, mas em discutir como lidar nas situações imprevistas. De acordo com Imbernón (2006, p. 15):

Nesse contexto, a formação assume um papel que transcende o ensino que pretende uma mera atualização científica, pedagógica e didática e se transforma na possibilidade de criar espaços de participação, reflexão e formação para que as pessoas aprendam e se adaptem para poder conviver com a mudança e a incerteza. Enfatiza-se mais a aprendizagem das pessoas e as maneiras de torna-la possível que o ensino e o fato de alguém (supondo-se a ignorância do outro) esclarecer e servir de formador ou formadora.

Outro exemplo de atividade foi realizado no dia 18 de maio, o Dia Nacional de Combate ao Abuso e Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes, na qual os alunos coloriram flores correspondente a porcentagem de crianças e adolescentes que já foram abusadas em nossa região. Então, foram coloridas 520 (dados aproximados e fornecidos pelo promotor da cidade) flores laranja, símbolo do projeto Faça Bonito. Na sequência, houve trabalho de campo pelo bairro para a

conscientização das pessoas a fim de informar que, se souberem de crianças abusadas, devem denunciar. Além disso, também colocamos as flores produzidas no canteiro da escola, como podemos ver nas figuras 9, 10, 11 e 12.

Figura 9 - David empenhado em colorir as flores



Fonte: Arquivo da autora (2022).

Figura 10 - David colocando as flores produzidas por ele no canteiro da escola



Fonte: Arquivo da autora (2022)

Figuras 11 e 12 - Trabalho de campo com a turma



Fonte: Arquivo da Autora (2022).

Em alguns momentos, o processo de aprendizagem com o David era mais difícil, pois tinha vezes que não aceitava ajuda da estagiária e pedia para eu o auxiliar, como elucidado na figura 13.

Figura 13 - A autora auxiliando o aluno em algumas atividades



Fonte: Arquivo da autora (2022).

Alguns momentos do trabalho pedagógico junto a David eram desafiadores no que diz respeito ao seu humor. Ou seja, quando seu humor era alterado devido as terapias que ele fazia, isso tornava ele mais cansado e, assim, se irritava mais fácil. Esta, inclusive, é uma característica de crianças com autismo. Contudo, posso afirmar que como professora e profissional, o David me transformou ainda mais, fez com que crescesse e procurasse mais informações sobre o comportamento e aprendizado de autistas e me fez uma pessoa que acredita cada vez mais na Educação de todos e para todos sem exclusão, preconceitos e discriminações. Desse modo, salienta-se que:

O autismo nos joga em águas profundas, sem colete salva-vidas. E, muitas vezes, nem ao menos sabemos nadar. Ele pede para que confiemos, sigamos nossos instintos e intuição, mas, em especial, que tenhamos fé, coragem e vontade de mergulhar nas profundezas dos medos e expectativas para, só assim, aprendermos o que é a intensidade de amar sem limites (MAYER, 2020, p. 36).

A seguir, a Figura 14 é o registro de uma memória afetiva com esta turma que organizou carinhosamente uma festa de comemoração do meu aniversário.

Figura 14 - Momento de descontração na turma no aniversário da autora



Fonte: Arquivo da autora (2022).

O trabalho realizado com a turma do David gerou em mim um sentimento de que posso contribuir ainda mais com as crianças que têm alguma deficiência, principalmente com TEA. Esse sentimento é de como realizamos ou adaptamos as atividades ao modo de como o David iria reagir a cada feito em sala de aula. Não foram momentos fáceis, mas também não foram imobilizantes.

Através das narrativas das professoras percebe-se também a falta de devida formação para atuar com alunos deficientes cada vez mais presentes em nossas escolas. Esses anseios dizem respeito tanto à formação inicial quanto à formação continuada docente. Enfim, é importante a consideração de que as mediações realizadas por todos os professores foram voltadas na aprendizagem de David. Por isso, segue na próxima seção as Considerações finais com as principais conclusões acerca dessa pesquisa.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa foi realizada com intuito de analisar como é a história de vida e de formação escolar de um aluno com TEA de uma escola de União da Vitória-PR a fim de discutir a educação inclusiva e qualificar a prática docente da autora professora. Inicialmente pensou-se em uma pesquisa centrada na vida pessoal desse aluno através das narrativas da mãe desde a gestação deste filho até o processo de inclusão escolar e aprendizado. Mas a pesquisa foi abrindo um leque, adicionando narrativas da professora atual e estagiária, além da minha narrativa por ter sido professora de David.

Repensando sobre o caminho em que esta pesquisa tomou e lembrando como eu era como professora e agora, vejo que a formação inicial e continuada é muito importante, pois através da narrativa da mãe de David percebemos que sabemos muito pouco, pois obtive uma aula sobre autismo a partir de sua narrativa.

As narrativas da professora e estagiária ajudaram muito a me identificar que estávamos no mesmo barco, pois nossos anseios sobre como agir diante de tais situações nos deixavam cada vez mais preocupadas sobre seus comportamentos e suas habilidades já adquiridas. Ter um aluno autista é pensar fora da caixa, pois agora, depois desse trabalho árduo, percebo que em vários momentos poderíamos agir de outra forma ou até mesmo de adaptar uma atividade mais adequada ao seu transtorno.

As narrativas me auxiliaram no quesito de entender o que é realmente o autismo, sobre como era antes e como vemos agora. E, por meio da revisão bibliográfica, pode-se analisar a trajetória da Educação Especial no Brasil. Este estudo revelou que ainda estamos em fase de desenvolvimento do processo de inclusão, que temos muito a evoluir desde formações de professores, acessibilidade e inclusão dos sujeitos de direitos.

Percebemos que a normalidade é um termo a ser questionado e desconstruído, pois é uma construção cultural que pode recair em preconceitos e discriminação. É fundamental considerar e reconhecer os sujeitos em sua diversidade, especificidades e particularidades. Este trabalho buscou compreender de como é a vida e formação de um aluno com autismo, na qual foi relatado muito claramente pela mãe. Ela superou muitas barreiras, desde a perda de uma filha muito jovem e os desafios de ter um filho com TEA, além de todo o amor e dedicação que tem para com ele.

Em se tratando das narrativas da professora e da estagiária e minhas anotações, compreendem-se que vêm ao encontro das nossas práticas pedagógicas, pois em diversas situações atuamos iguais, sem saber como agir, buscando apoio da escola e de professores que possuem formação de como atuar com alunos inclusivos, principalmente com Autismo.

O presente trabalho também demonstrou dados estatísticos na cidade de União da Vitória que através disso comprovou que os casos de autismo vêm crescendo cada vez mais em números. Isso gera uma expectativa aos professores que enxergam essa realidade como preocupante. Na Educação Infantil, por exemplo, o sistema apresenta o levantamento de crianças com laudo (autismo ou outras deficiências), o município adquire auxiliares, porém estes **não possuem formação** para atuar com essas crianças de início do processo escolar (grifos meus). Logo, medidas precisam ser tomadas urgente, desde mais professores com formações para atuar diretamente com crianças com autismo e demais deficiências e também mais salas de AEE, com professores com a devida formação.

É necessário que todos estejam envolvidos com o aprendizado de todos para todos. Neste viés, em alguns momentos percebe-se que há uma certa cobrança por parte de secretarias e da direção escolar que as atividades sejam adaptadas, mas não levam em consideração o que o aluno quer. Como exemplo, nosso estudo de caso: o David que expressa suas próprias opiniões e faz questão de realizar as atividades que todos da sala realizam. Isso demonstra um desenvolvimento total e inclusivo próprio dele.

No tocante às formações de professores, percebe-se que desde a autora da pesquisa e também a professora e estagiária atuais de David não possuem formação adequada para saber lidar com uma criança com TEA, mesmo o David tendo um autismo leve. Mas imagine se fosse um autismo severo e se dependesse de uma acessibilidade total da escola? Isso seria quase impossível sem as adequações exatas para lidar com crianças com esta deficiência e de uso móvel por toda a área que necessitasse.

Isso implica em uma análise nas narrativas da própria mãe de David, pois ao narrar seus anseios sobre como foi o processo de inclusão de seu filho e também o processo de conseguir médicos gratuitos e atendimentos gratuitos, essa mãe não mede esforços para o bem-estar total de David. Nas narrativas da mãe de David, podemos relacionar que sua busca pelo bem-estar social e inclusivo dele é

incessante, pois demonstra muita aptidão para conversar e ajudar quem precisa no assunto relacionado ao autismo.

Através de narrativas das professoras e das narrativas da professora autora desta pesquisa temos um processo muito lento de formação, pois seus anseios e suas dúvidas são geradas nos momentos em que David chega em sua escola, pois tem dias em que David demonstrava interesse e outros dias ele chegava na escola já cansado e não aceitava o que lhe é proposto. Esta é uma característica própria dos autistas.

Considerou-se significativo o processo desta pesquisa com o desenvolvimento da autonomia da pesquisadora, pois podemos reconhecer que os desafios do processo de ensino-aprendizagem enfrentados em sala de aula pelo aluno autista e por sua professora foram identificados. Assim, espera-se auxiliar outros professores que se sentem de mãos atadas ao receber aluno deficientes ou com transtornos. A pesquisa, por meio da abordagem (auto)biográfica, contribuiu com o amadurecimento pessoal e profissional na carreira desta professora autora, tendo assim uma visão mais crítica e ampla sobre o que é realmente inclusão, que não começa somente na escola e que não depende somente de um professor e sim de toda a comunidade escolar e da sociedade em geral. Conhecer a trajetória de vida de um aluno com TEA é aproximar-se do seu mundo, é compreender como se porta em sala de aula, como se relaciona com a família e colegas para que se possa ter elementos para planejar práticas pedagógicas direcionadas às suas particularidades.

Nesse sentido, repensar a prática pedagógica dos professores atuantes com crianças autistas é de total relevância, pois os casos de autismo vêm aumentando em números cada vez maiores nas escolas. Precisamos de professores comprometidos e com mais formações. Isso compete a escola fornecer apoio e ações formativas e também dependemos de suporte total dos órgãos públicos para que seja, no mínimo, sanado esses problemas a fim de que torne um aprendizado significativo às crianças com deficiências, para que elas se sintam parte do meio na qual estão inseridas, seja no âmbito escolar ou na sociedade em geral.

Esta pesquisa elencou diversas lacunas sobre a formação adequada do professor em sala de aula a respeito da inclusão e de como devemos ensinar os alunos, proporcionando assim um olhar inclusivo destas crianças que vem sendo cada vez mais presentes em salas de aula comum. Pensando nesta perspectiva, este trabalho encaminha uma abertura de mais estudos que elencam a inclusão,

demonstrando a necessidade de pesquisas futuras voltadas a formação de professores na área da inclusão.

REFERÊNCIAS

- BAPTISTA, Claudio Roberto; BOSA, Cleonice. **Autismo e Educação: Reflexões e Propostas de Intervenção**. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- BARDIN. Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1979.
- BRASIL. **Lei nº 4.024/61**: Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF, 1961.
- BRASIL. **Lei nº 8.742/93**: A Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS). Brasília, DF, 1993.
- BRASIL. **Lei nº 8.899/94**: Garante a gratuidade no transporte interestadual. Brasília, DF, 1994.
- BRASIL. **Lei nº 9.265/96**. Lei da Gratuidade dos Atos de Cidadania. Brasília, DF, 1996.
- BRASIL. **Lei nº 9.394/96**: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF, 1996.
- BRASIL. **Decreto nº 3298/99**: Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência. Brasília, DF, 1999.
- BRASIL. **Lei nº 10098/2000**: Promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida. Brasília, DF, 2000.
- BRASIL. **Resolução CNE/CP 1/2002**: Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. Brasília, DF, 2002.
- BRASIL. **Decreto nº 5296/04**: Regulamenta as Leis nºs 10.048, de 8 de novembro de 2000, e 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília, DF, 2004.
- BRASIL. **Decreto nº 6094/2007**: Plano de Metas Compromisso Todos pela Educação. Brasília, DF, 2007.
- BRASIL. **Decreto nº 6571/2008**: Dispõe sobre o atendimento educacional especializado. Brasília, DF, 2008.
- BRASIL. **Lei nº 12.764/2012**, Art. 1º: Esta Lei institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. Brasília, DF, 2012.
- BRASIL/MEC. **Lei nº 13.146/2015**: Lei da Inclusão da Pessoa com Deficiência. Brasília, DF, 2015.
- BRASIL. **Lei nº 13.370/2016**: Reduz a jornada de trabalho de servidores públicos com filhos autistas. Brasília, DF, 2016.

BRASIL. **Decreto nº 10502/2020**: Política Nacional de Educação Especial. Brasília, DF, 2020.

BRASIL. **Lei nº 13977/2020**: Institui a Carteira de Identificação da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. Brasília, DF, 2020.

BRASIL. **Lei nº 14126/2021**: Classifica a visão monocular como deficiência sensorial, do tipo visual. Brasília, DF, 2021.

CARNEIRO, Relma Urel Carbone. DALL'ACQUA, Maria Julia Canazza. CARAMORI, Patrícia Moralis. **Educação Especial e Inclusiva: Mudanças para a Escola e Sociedade**.1. Ed. E-book - Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2016

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA: **Sobre princípios, políticas e práticas na área das necessidades educativas especiais**. Salamanca – Espanha, 1994.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Fundamentos epistemológicos da pesquisa biográfica em educação. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 27, n. 01, p. 333-346, abr. 2011.

FACION, José Raimundo. **Transtornos do desenvolvimento e do comportamento**. 3. Ed. Curitiba: Ibpx, 2007.

FROSCH, Juliana. **Desenvolvimento profissional docente no campo da educação inclusiva: o olhar das professoras dos anos iniciais do ensino fundamental**. Mestrado profissional – Programa de pós-graduação em Educação. São Caetano do Sul: USCS, 2023.

GARCIA, Rosalba Maria Cardoso Política de educação especial na perspectiva inclusiva e a formação docente no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, v. 18, n. 52, jan.-mar, 2013.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

G1. Reportagem “1 a cada 36 crianças tem autismo”. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2023/04/02/1-a-cada-36-criancas-tem-autismo-diz-cdc-entenda-por-que-numero-de-casos-aumentou-tanto-nas-ultimas-decadas.shtml>. Acesso em 12 de abril de 2023.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**. 6. Ed. São Paulo: Cortez, 2006.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. Entrevista narrativa. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa como texto: Imagem e Som: Um manual prático**.7. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2008.

MAYER, Juli Lanser. **Ao TEA amar: Autismo na escola e na vida**. Bauru, SP: Astral Cultural, 2020.

MAZZOTTA, Marcos J. S. **Trabalho Docente e Formação de Professores de Educação Especial**. São Paulo: EPU, 1993.

Ministério da saúde. Disponível em:

[file:///C:/Users/Acer/Desktop/pos/Defini%C3%A7%C3%A3o%20-%20Transtorno%20do%20Espectro%20Autista%20\(TEA\)%20na%20crian%C3%A7a.html](file:///C:/Users/Acer/Desktop/pos/Defini%C3%A7%C3%A3o%20-%20Transtorno%20do%20Espectro%20Autista%20(TEA)%20na%20crian%C3%A7a.html). Acesso em 15 dez.2022

Ministério da saúde. O que é a COVID-19? Disponível em:

<https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/o-que-e-o-coronavirus>. Publicado em 08/04/2021 19h21. Acesso em 28 de maio de 2023.

Ministério da saúde. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/o-que-e-o-coronavirus>. Publicado em 08/04/2021 19h21. Acesso em 28 de maio de 2023

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

OMAIRI, Claudia. **Autismo: Perspectivas no dia a dia**. Curitiba, PR: Ithala, 2013.

OLIVEIRA, Eduarda Sampaio. **Autismo na escola: pontos e contrapontos na escola inclusiva** [S.1.]: Brasil escola, 2015. Disponível em:<

<https://monografias.brasilecola.uol.com.br/pedagogia/autismo-na-escola-pontos-contrapontos-na-escola-inclusiva.htm>> Acesso em 15 dez.2022.

PEDRA, Jessica de Oliveira. **Entre entraves e anseios: as interfaces da inclusão escolar segundo professores de Geografia**. Dissertação – Programa de Pós-Graduação em Geografia – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2023.

SILVA, Aline Maira da. **Educação Especial e Inclusão Escolar: História e fundamentos**. Curitiba: Ibpex, 2010 (série Inclusão escolar).

SILVA, Jackeline Susann Souza da. Deficiência, diversidade e diferença: idiosincrasias e divergências conceituais. **Educação em Revista**, v. 38, p. 1-17, 2022.

STAINBACK, Susan; STAINBACK, Willian. **Inclusão: um guia para educadores**. Trad. Magda França Lopes. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

VEIGA-NETO, Alfredo. Quando a inclusão pode ser uma forma de exclusão. In: MACHADO, Adriana M. et al. **Educação inclusiva: Direitos Humanos na escola**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005. p.51-70.

WHITMAN, Thomas L. **O desenvolvimento do autismo**. São Paulo: M. Books do Brasil Editora, 2015.

YIN, Robert K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Tradução Daniel Bueno. Porto Alegre: Penso, 2016.

ZABOROSKI, Ana Paula et al. O ensino colaborativo e a formação permanente dos professores para o desenvolvimento da educação inclusiva. **Revista Diálogos e Perspectivas em Educação Especial**, v.4, n. 1, p. 119-130, 2017.

APÊNDICES

APÊNDICE A - ROTEIRO DA ENTREVISTA NARRATIVA COM A MÃE DE DAVID

EIXO A – Experiências de vida

1. Conte como foi a expectativa pela gravidez e a sua gestação.
2. Conte quando começou a perceber alguns sintomas em Davi que lhe encaminharam até o diagnóstico do autismo (comportamentos de Davi).
3. Como foi o processo de ida aos médicos, realizar exames...
4. O que sentiu quando descobriu que seu filho possui TEA?
5. Quem é o Davi? (Visão da mãe)
6. Quais são as experiências marcantes na vida do Davi até o momento?
7. Quais são as qualidades e potencialidades do Davi?
8. Quais são as singularidades e necessidades do Davi?
9. Como é a relação do Davi contigo e demais familiares?

EIXO B – Experiências de formação escolar

10. Conte sobre a trajetória de formação do Davi na escola.
11. Como o Davi se sente na escola?
12. Como o Davi se relaciona com os amigos/colegas?
13. O que é necessário para a escola atender de fato as especificidades e demandas do Davi?
14. Como um professor deve atuar para que contemple as necessidades do Davi e garanta a sua aprendizagem e desenvolvimento?
15. Que mudanças devem ser realizadas na Educação e na escola para qualificar o atendimento às crianças autistas?
16. Como você se sentiu nesta entrevista?

APÊNDICE B – ROTEIRO DA ENTREVISTA NARRATIVA COM A PROFESSORA VEREDIAN

1. Como conheceu Davi?
2. Qual foi sua relação com a família de Davi?
3. Qual foi sua maior dificuldade ao realizar o planejamento para sua turma de Ensino Regular, e se realiza atualmente atividades diferenciadas para alunos deficientes da sala?
4. Sua formação é habilitada para atuar com essas crianças com deficiências?
5. Você já atuou com alunos com TEA?
6. Como se sente sendo professora do Davi?

APÊNDICE C – ROTEIRO DA ENTREVISTA NARRATIVA COM A ESTAGIÁRIA DAY

1. Como conheceu Davi?
2. Qual foi sua relação com a família de Davi?
3. Qual foi sua maior dificuldade no momento de crise do Davi? (Comportamentos de Davi).
4. Sua formação é habilitada para atuar com essas crianças com deficiências?
5. Você já atuou com alunos com TEA?
6. Como se sente sendo auxiliar do Davi?

